



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



Daniel Xavier Garcia

**BIBLIOTECÁRIO 2.0 E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA:
os falares açorianos da Ilha de Santa Catarina**

Florianópolis, 2010.

DANIEL XAVIER GARCIA

**BIBLIOTECÁRIO 2.0 E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA:
os falares açorianos da Ilha de Santa Catarina**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientação de: Prof. Msc. Eliana Maria dos Santos Bahia.

Florianópolis, 2010.

Ficha Catalográfica elaborada por Daniel Xavier Garcia, acadêmico do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina

G216b

Garcia, Daniel Xavier, 1986-

Bibliotecário 2.0 e a preservação da memória : os falares açorianos da ilha de santa catarina / Daniel Xavier Garcia. — Florianópolis , 2010.
95f : il. color.

Orientador : Prof. Eliana Maria dos Santos Bahia, Msc.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Curso de Graduação em Biblioteconomia, 2010.

1. Memória. 2. Identidade cultural. I. Bahia, Eliana Maria dos Santos. II. Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Graduação em Biblioteconomia. III. Título.

CDD : 025.84



Acadêmico: Daniel Xavier Garcia

Título: Bibliotecário e a preservação da memória: os falares açorianos da Ilha de Santa Catarina

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia, do Centro de Ciências da
Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, aprovado com nota
_____.

Acadêmico: Daniel Xavier Garcia

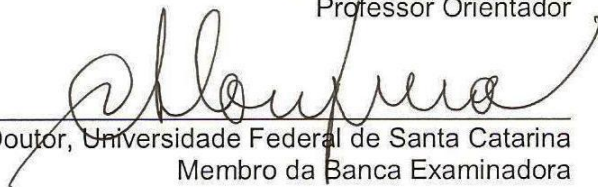
Título: Bibliotecário 2.0 e a preservação da memória: os falares açorianos da Ilha de Santa Catarina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota 7,0.

Florianópolis, 17 de agosto de 2010.



Eliana Maria dos Santos Bahia, Mestre, Universidade Federal de Santa Catarina
Professor Orientador



Marcos Fábio Freire Montysuma, Doutor, Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora



Thiago Bahia Losso, Doutor, Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora

In memorian, ao meu velho Pai,
por ter nos deixado o maior presente de todos, a nossa família, e por nos
enviar com toda força seu amor, que vai além da vida.

À minha mãe,
que mesmo com todas as dificuldades pode nos criar, sendo Mãe e Pai ao
mesmo tempo, sendo um exemplo de força e coragem, nos mostrando o caminho, e
creio que sem esse exemplo não estaríamos hoje onde estamos.

E à minha irmã,
por tudo que vem me mostrando desde quando eu tinha apenas três anos de
idade e ela veio me ensinar a amarrar meu sapato.

AGRADECIMENTOS

Início essa página de agradecimentos, lembrando de quem me trouxe até aqui, a minha família, mãe Bárbara Xavier Garcia por me acordar em meus aniversários durante a madrugada (Wasuuuuup), ao meu velho Pai, Everaldo Renato Garcia, por ter mostrado o caminho à minha mãe, nos iluminando com seu amor, minha irmã Thais Garcia, pelas lições, almoços e jantares temáticos, e por suas idéias roxas, me dizendo para fazer a Biblio, participar dos encontros, VALEU.

Aos amigos que mesmo longe me ensinaram o valor da amizade, amor e fraternidade, Josh (Dióxe, Josué), Kanashira, Sucas, Iguinho, Ursula, Bozó, A.K. Alex, Cuzido, Camisolão, Fredeci, Flavio (qualéééé zéééé), Xuxus nunca esquecerei vocês.

Aos amigos que me agüentaram durante todo esse tempo Aninha Biblio, vulga Ana Claudia Ribeiro com os anos de parceria de trabalhos e mesas de bar, Zé Paulo, “El Presidente”, e o “caixa 15”, Scheila "tip top" nossas viagens e noites viajadas não poderiam ser melhores. À Kellyn por ser minha veterana, e à Rochelle, Rabechy, ou Marchelly por me "adotar" e me incentivar cada vez mais.

Meus amigos vocês são a minha BIBLIOFAMÍLIA.

À minha orientadora, que foi durante esse tempo praticamente uma mãe, me proporcionando a oportunidade desse estudo, com aulas e lições, o conhecimento que ela me passou, e os puxões de orelha, não me deixando ficar muito disperso, e mantendo os pés no chão, mas sempre incentivando a alçar cada vez vôos mais altos, como disse o grande Jimi Hendrix (1967), Excuse me while I Kiss the Sky, eu farei isso Professora, tocarei o céu, muito obrigado.

A minha “chefa” e professora, Lígia Café, por toda sua paciência, amizade, puxões de orelha e as boas risadas dentro do PGCIN.

Ao Professor Raimundo Nonato Macedo dos Santos, o senhor realmente é Digníssimo, obrigado por todo o conhecimento compartilhado.

A todos os professores e servidores do CIN e CED que me acolheram muito bem, e fazem parte desta minha grande Bibliofamília.

A minha “ex-chefa”, pioneira que me ajuda em todos os aspectos possíveis, desde o início desta minha jornada biblioteconômica, sem seus ensinamentos creio que estaria perdido, portanto um obrigado especial à Eliane Maria Stuart Garcez.

Aos encontros de biblioteconomia por me proporcionar a oportunidade de conhecer várias cidades e estados do Brasil e fazer grandes amigos, com quem tenho planos, e por me incentivar a escrever e apresentar trabalhos um melhor que o outro.

Faço um agradecimento especial a Dalton Barreto Diretor do Departamento de Assuntos Estudantis, por todo o apoio, força e auxílio dado, sem ele não teríamos ido aos encontros, muito obrigado.

Agradeço a UFSC por tudo, pelo título, pelas aulas, notas, pelas viagens, por todas as oportunidades proporcionadas, pois vivi uma vida completa em quatro (4) anos de graduação, me apaixonei, “quebrei a cara”, me levantei, fiz amigos, amigas, irmãos, família, viajei (e muito). Enfim os quatro anos não poderiam ser melhores, imaginem o que eu não faria em oito, amo todos vocês e os que eu não citei também.

Gostaria de agradecer a todas as divindades que me iluminaram desde meus primeiros passos até os dias atuais. Muito obrigado, conto com vocês para o que vem a seguir.

Aos membros da banca pela oportunidade de ter pessoas de grande renome que puderam atribuir contribuições para melhorar o trabalho.

RESUMO

GARCIA, Daniel Xavier. **Bibliotecário 2.0 e a preservação da memória**: os falares açorianos da Ilha de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. 95f. Florianópolis: UFSC, 2010.

As transformações na sociedade impulsionaram modificações, na área da Biblioteconomia e Documentação, no que tange à preservação, conservação e disseminação e de conteúdos informacionais e de memória por meio dos recursos e condições possibilitados por tais mudanças. Nesse sentido, com o surgimento da rede e seu impacto no meio sócio-cultural, verifica-se além da evolução tecnológica, uma mudança no sentido da identificação cultural, tanto local quanto nacional. Descreve o posicionamento do profissional de tal área, frente a esse ciclo contínuo de mudanças, e a necessidade de convergir seu trabalho com outras áreas de conhecimento. Fundamenta a escolha de seu eixo-temático, através de análise qualitativa, e exploratória desse processo de transformação, utilizando-se de uma pesquisa descritiva e levantamento bibliográfico, além de recorrer ao uso das técnicas de história oral, resgatando a história de vida dos membros da comunidade estudada. Os resultados alcançados permitem verificar a necessidade de uma análise reflexiva dos conhecimentos atribuídos a esse profissional aliando a base clássica de sua formação, com práticas consideradas alternativas.

Palavras-chave: Biblioteconomia 2.0. Preservação da memória. Cultura. Identidade Cultural. Mídias digitais. Tecnologias Web 2.0

ABSTRACT

GARCIA, Daniel Xavier. **Librarian 2.0 and the memory preservation**: the azorean dialect of the island of Santa Catarina. Completion of course work. Universidade Federal de Santa Catarina. 95l. Florianópolis: UFSC, 2010.

The Society transformations drove changes in the field of Library Science and Documentation, when it comes to preservation, conservation and dissemination and informational content and memory through the resources and conditions made possible by these changes. In this sense, with the emergence of the Web and its impact on the social-cultural environment, there's also besides the technological developments, a shift towards cultural identification, local and national. Describes the positioning of professionals in such area to face this continuous cycle of change and the need to converge their work with other areas of knowledge. Justifies the choice of axis-themed, through qualitative and exploratory analysis of this process, by using a descriptive and bibliographical survey, apart from resorting the use of oral history techniques, rescuing the life history of members of the community studied. The allowed to verify the need for a reflective analysis of the knowledge assigned upon this professional, allying the classic basis of its formation, with practices considered alternatives.

Keywords: Library Science 2.0. Memory Preservation. Culture. Cultural Identity. Digital Innovations. Web 2.0 Technologies

LISTA DE SIGLAS

MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia

NEA - Núcleo de Estudos Açorianos

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

TI - Tecnologia da Informação

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

W3C - World Wide *Web* Consortium

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Florianópolis e arquipélago dos Açores	17
Figura 2: NEA UFSC - Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina.....	30
Figura 3: Publicação Comissão Catarinense de Folclore	32
Figura 4: Semana de estudos e festa da cultura açoriana em Santa Catarina	34
Figura 5: Acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	40
Figura 6: Cantigas de Boi-de-Mamão, veiculadas no compartilhador Youtube	41
Figura 7: Comunidade virtual de preservação dos falares açorianos – Orkut.....	42
Figura 8: Publicação da análise dos Falares Catarinenses.....	55
Figura 9: Açorestube Blog.....	57
Figura 10: Biscoitos blog	57
Figura 11: Blog Velho Bruxo da Ilha.....	58
Figura 12: Homem ao Mar	59
Figura 13: Blog Dicionário da Ilha: Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina	59
Figura 14: Blog Dicionário da Ilha: Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina	60
Figura 15: Blog Dicionário da Ilha: Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina	60
Figura 16: Açorestube Fonte: Açorestube.....	61
Figura 17: Vídeo da Festa do Divino Espírito Santo.....	61
Figura 18: Vídeo da Marchinha do Mané de André Calibrina	62
Figura 19: Microblog e perfil do projeto Homem ao Mar no Twitter	63
Figura 20: Portal Cultural do Manezinho da Ilha	64
Figura 21: Portal Comunidades Açorianas.....	64
Figura 22: Página Inicial do site Velho Bruxo da Ilha	65
Figura 23: Seção de Músicas e Poemas	65
Figura 24: Seção de Casos e Ocasos	66
Figura 25: Pequeno Dicionário de Manezes	66

Figura 26: Comunidade virtual Mané Ilha da rede social Orkut.....	67
Figura 27: Comunidade virtual Mané Ilha da rede social Orkut.....	68
Figura 28: Comunidade virtual Mané Ilha da rede social Orkut.....	68

*“Ubi societas ubi communicatio:
onde existe sociedade,
existirá a comunicação humana”
José Cretella Júnior*

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1.1 Propostas iniciais.....	12
1.2 Justificativa e Problema de pesquisa	13
2 OBJETIVOS.....	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivos Específicos	16
3 COMUNIDADE ESTUDADA.....	17
3.1 Ilha de Santa Catarina.....	17
3.1.1 Freguesia do Ribeirão da Ilha	20
4 REVISÃO DE LITERATURA	22
4.1 Sociedade da Informação: tendências	22
4.1.1 Bibliotecário no contexto da Sociedade da Informação	24
4.2 Identidade Cultural.....	25
4.2.1 Açorianismo ou Açorianidade	28
4.3 Preservação da Memória	35
4.3.1 Memória e Tecnologia.....	38
4.3.2 Biblioteconomia, Memória e Patrimônio.....	43
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
5.1 Em relação aos integrantes das comunidades escolhidas	48
5.2 Em relação aos meios de disseminação da informação cultural.....	51
6 RESULTADOS.....	53
6.1 LEVANTAMENTO	53
6.2 Caracterização da amostra	53
6.3 Caracterização quanto aos recursos de preservação virtual	53
6.4 Tipos de ferramentas utilizadas	56
6.5 Caracterização dos Serviços	56
6.7 Quanto aos resultados das entrevistas	69
6.8 Caracterização da população	69

6.9 Quanto à visão dos membros sobre o Mané da Ilha	70
6.10 Quanto aos falares açorianos do Mané da Ilha.....	71
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIA	75
APÊNDICE A – SERVIÇOS WEB 2.0 CONSULTADOS	83
APÊNDICE B – ENTREVISTA.....	84
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA (MODELO)	91

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Propostas iniciais

O cenário social atual é conhecido como a Sociedade da Informação, ou Sociedade do Conhecimento. É notório que o avanço tecnológico e o boom informacional, consequência do primeiro, contribuíram para mudanças em todos os setores da sociedade.

Tais avanços em particular o tecnológico (TIC's), e o crescimento exorbitante de conteúdos informacionais acarretaram para a Biblioteconomia e seus profissionais, transformações, além de um novo posicionamento frente a essas mudanças.

As adaptações da Biblioteconomia, em relação às mudanças no contexto atual, traduzem-se na temática de estudo desta pesquisa; reflexões fundamentais para o aperfeiçoamento de um conhecimento oriundo das transformações sociais.

Especificamente o interesse no eixo-temático de estudo, motiva-se por realizar uma análise, reflexiva acerca do papel do profissional da biblioteconomia na Sociedade da Informação, apoiando-se no caráter interdisciplinar da área, possibilitando a criação novos caminhos e conhecimentos para prática profissional, que atravessa um processo constante de transformações.

Em um primeiro momento, o andamento das atividades demandou uma ampliação de leituras, consideradas mais complexas, porém tal preparação proporcionou um olhar mais abrangente.

Deixando claro, que apesar de se fundar à interdisciplinaridade e as evoluções da área, o estudou buscou em sua origem o embasamento para o tema, fundamentando-se em estudos como o de Otlet, ao destacar o papel da Documentação como instrumento para a preservação da Memória de todo o pensamento humano e estudos que apontam Unidades de Informação como “lugares da memória” e seus profissionais como os guardiões da mesma.

Visando responder alguns dos problemas propostos procurou-se utilizar da História Oral como ciência auxiliar, buscando na mesma instrumentos e recursos metodológicos.

Discutem-se também o uso dessas novas tecnologias como ferramentas para a preservação e difusão de conteúdos da memorial cultural, aliando o clássico e tradicional ao virtual.

1.2 Justificativa e Problema de pesquisa

A preservação da memória coletiva para a construção de uma comunidade, na sociedade contemporânea, implica num trabalho árduo a ser desempenhado pelo profissional da informação, no que tange a identificação e representação do patrimônio cultural, como elemento histórico, caracterizando-se assim parte de um grande acervo informacional, portanto fonte de informação para a construção de um sujeito social ativo.

As informações contidas nas manifestações artísticas, e disseminadas na sociedade através do tempo contribuem para a construção de uma identidade cultural local.

Através da preservação o “sujeito pós-moderno” cria um elo com o passado, desenvolvendo assim uma forte identificação com a cultura local e nacional.

No cenário atual o conceito de identidade fixa, é refutado devido às transformações contínuas, e as formas que os indivíduos de uma comunidade serão condicionados por esses sistemas culturais.

No processo da construção, e manutenção de uma identidade cultural existe uma grande contribuição dos conteúdos disseminados na literatura, manifestações artísticas em geral.

Nesse contexto encontram-se narrativas musicais, que são mediadas por informações de natureza afetiva sobre os lugares e espaço da memória, que

servem como apoio para constituição da cultura e da identificação. Deduz-se então que a narrativa, como manobra da memória, permite uma conexão constante entre o passado e o presente.

Nas diversas manifestações artísticas é possível identificar conteúdos significativos relativos aos valores e os sentimentos ligados à tradição local, dessa forma constituindo-se em uma fonte de informação.

O sujeito, ao desenvolver um link entre passado e presente, cria imagens da cidade espaço por excelência da formação do patrimônio, do povo e da cultura, observando as condições históricas, sociais e comunicacionais (ARARIPE, 2004).

Dessa forma é preciso pensar os profissionais da Biblioteconomia e Documentação como construtores e organizadores da memória coletiva e também da memória seletiva, tais profissionais possuem habilidades que permitem que os mesmos selecionem, filtrem, preservem e disseminem a informação de acordo com necessidade de seus usuários e comunidades.

No caso da Ilha de Santa Catarina, e em comunidades específicas, é possível encontrar conteúdos da identidade (cultural) embutidos em dialetos, no discurso e oralidade.

O diálogo com a população, bem como a observação nos dois ambientes (virtual e físico) permitiu o afloramento de uma reflexão crítica sobre a história cultural, não somente visualizar a riqueza, mas suas transformações e preservação.

Os conteúdos culturais apontados, devido a sua intangibilidade, requerem uma abordagem diferenciada de preservação e análise, o que levou a um olhar para a abordagem interdisciplinar da área, e o uso de novos suportes para conservação.

A análise da preservação da memória dos “falares” das comunidades: Freguesia do Ribeirão da Ilha e virtuais (blogs, wikis, redes sociais) está sendo proposta no presente projeto, bem como suas formas de preservação e disseminação, a identificação do sujeito moderno com a herança cultural artística deixada por seus “pais colonizadores”, e os ruídos (ecos) criados por essas

manifestações na sociedade contemporânea.

A escolha das comunidades ocorreu devido às peculiaridades das mesmas, a Freguesia do Ribeirão da Ilha, de fato é uma das comunidades mais antigas da Ilha de Santa Catarina, tornando-se dessa forma uma das mais tradicionais, em contrapartida, as comunidades virtuais da web, são um fenômeno recente, mas que já possuem esse caráter de preservação cultural e tradicional.

2 OBJETIVOS

Para a realização da pesquisa, são propostos os seguintes objetivos:

2.1 Objetivo geral

Analisar a Preservação da Cultura Açoriana em comunidades específicas da Ilha de Santa Catarina.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar as formas de preservação da memória da cultura açoriana;
- b) Explorar as formas de disseminação da informação cultural açoriana;
- c) Comparar os costumes culturais entre as comunidades escolhidas e o arquipélago dos açores;
- d) Analisar a identidade cultural dos membros da comunidade escolhida

3 COMUNIDADE ESTUDADA

Nesta seção será exposta a comunidade estudada para o desenvolvimento da pesquisa, apresentando-a desde suas primeiras povoações, a base da identificação cultural dos indivíduos da sociedade contemporânea.

3.1 Ilha de Santa Catarina

O Arquipélago dos Açores é composto por nove (9) ilhas, está situado sobre a Dorsal Média Atlântica próxima a Península Ibérica, que é composto por três (3) grupos de Ilhas, Oriental (Santa Maria e São Miguel), Central (Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial) e Ocidental (Flores e Corvo), todas de origem vulcânica, tendo Florianópolis a Ilha de Santa o status de décima ilha do arquipélago, conforme indicado pela imagem a seguir.



Figura 1: Florianópolis e arquipélago dos Açores

Fonte: Autoria própria

O litoral catarinense, em sua totalidade teve colonização Açoriana e Madeirense, mas suas primeiras populações não necessariamente foram constituídas por seus colonizadores.

O povoamento do litoral catarinense teve início com os missionários espanhóis, os Franciscanos, e os Missionários Portugueses, os Jesuítas, reunindo os indígenas, assim levantando as primeiras povoações.

Em Seguida, durante o século XVIII (18), os Vicentistas, provenientes da Capitania de São Vicente, primeira vila Brasileira, situada no litoral de São Paulo, fundaram povoações, pois estavam desbravando o sul do Brasil em busca de metais preciosos e ouro e aprisionando indígenas para trabalhar em suas lavouras.

A partir dessas povoações surgiram os três (3) municípios mais antigos do estado de Santa Catarina, Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco (São Francisco do Sul), antes Ilha de São Francisco, povoação levanta por Manoel Lourenço de Andrade, em seguida Francisco Dias Velho, seguindo o exemplo de Andrade fez um estabelecimento agrícola na Ilha de Santa Catarina, depois chamada de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. A fundação de Santo Antônio dos Anjos de Laguna (Laguna) teve o incentivo do Rei de Portugal, tarefa essa realizada por Domingos de Brito.

Devido à superpopulação, e a fome que atravessavam os arquipélagos dos Açores e Madeira, e as freqüentes erupções vulcânicas e tremores de terra nos Açores, que são Ilhas Vulcânicas, foi requisitado por seus habitantes que fossem levados ao Brasil.

O povoamento do sul do Brasil era de interesse do Rei de Portugal, que era cobiçado pela Espanha nesse período, por conta do Tratado de Tordesilhas.
(complementar com dados históricos Portugal e Espanha)

No período de 1748 a 1756, cerca de seis mil (6.000) açorianos e mais de meia centena de Madeirenses desembarcaram a Santa Catarina, situados desde São Francisco do Sul, até além de Laguna, adentrando no Rio Grande do Sul.

As famílias Açorianas e Madeirenses foram se instalando ao longo do litoral catarinense, e com isso inseria na nova terra sua cultura própria, costumes e também uma forma de se adaptar as condições de seu novo espaço de habitação.

Algumas das contribuições e costumes são: as técnicas de confecção com tear, a renda de bilro, o costume do “pão-por-deus”, das festas do Divino Espírito Santo (a Festa do Divino), a pesca, sua religiosidade, boi-de-mamão, folclore e manifestações artísticas culturais em geral.

A inserção dos seus costumes e tradições no território catarinense contribuiu muito para a construção do cidadão do litoral catarinense, e da identidade cultural açoriana.

A adaptação ao novo meio foi um grande desafio, pois estavam acostumados a viver em ilhas oceânicas, com pesca em mar aberto, com arpão, pesca de baleias, os açorianos tiveram de aprender a pescar e a viver em Ilhas Costeiras, diante disso foi desenvolvida a pesca de tarrafa.

A língua, e os costumes também sofreram adaptações, as práticas religiosas, as festas do Divino, a prática do Boi-de-mamão, a farra do Boi, a pesca e a renda, são alguns exemplos de costumes açorianos que foram adaptados à realidade brasileira.

Com o passar do tempo, a migração de mais povos para o sul do país principalmente para o litoral catarinense, acabou acontecendo, mas mesmo com essa mistura, a cultura e os costumes dos pais colonizadores prevaleceram apesar das adaptações ocorridas ao longo do tempo a cultura açoriana permaneceu forte no território de sua colonização.

A forte identificação do sujeito moderno com a cultura deixada por seus colonizadores, principalmente em comunidades específicas da Ilha de Santa Catarina como a freguesias do Ribeirão da Ilha, é algo que chama a atenção para este estudo.

Apesar das adaptações sofridas ao longo do tempo, os costumes, a cultura e os falares dessas comunidades continuam fiéis aos da época da chegada dos açorianos no litoral.

Devido a essas características, em muitos estudos Florianópolis foi considerada, e apontada como a décima ilha do arquipélago de origem de seus colonizadores.

Nessa direção, Monteiro (2010) ao fazer um relato do povoamento afirma que:

A Ilha de Santa Catarina, através dos açorianos que aqui desembarcaram no século XVIII, reuniu toda a riqueza e particularidades culturais das nove ilhas dos Açores, constituindo-se numa magnífica síntese daquele arquipélago e transformando-se numa espécie de décima ilha.

3.1.1 Freguesia do Ribeirão da Ilha

A freguesia do Ribeirão da Ilha, situada à região sul da Ilha de Santa Catarina, já recebeu várias nomenclaturas ao longo do tempo, desde a chegada das famílias açorianas no local.

Distrito da Vila do Ribeirão, Lapa do Ribeirão, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, distrito do Ribeirão ou simplesmente Ribeirão da Ilha, é o segundo distrito mais antigo e tradicional da Ilha, depois da Freguesia de Santo Antônio de Lisboa.

Em 1760, Manoel de Vargas Rodrigues, ao aparecer com uma imagem de Nossa Senhora da Lapa, resolveu instituir nesta comunidade uma pequena capela para veneração popular, da mesma.

A Igreja de Nossa Senhora da Lapa, Sé da Paróquia, foi inaugurada em 1806 construída pelos senhores e seus escravos, em alvenaria de pedra, cal e azeite de baleia, vindo da Armação.

Faz parte de um conjunto arquitetônico preservado por lei municipal de 1975, juntamente com o cemitério, aos fundos, e ao lado, o Império do Divino Espírito Santo, local da Festa do Divino.

Recebeu a condição de distrito paroquial, designado por Alvará Régio datado de 11 de julho de 1809. De acordo com moradores mais antigos da

freguesia, tal ocorrido teve influência de Nossa senhora da Lapa.

Várzea (1985, p. 89) aponta que o distrito da Vila do Ribeirão é formado da parte meridional da Ilha de Santa Catarina, e encontra-se separado da parte norte da cidade do Desterro pelos ribeiros Tavares e Caiacanga-mirim.

Preservam-se no Ribeirão tradições como a Festa de Nossa Senhora da Lapa, a produção das rendas de bilro, das canoas e baleeiras, dos balaies e cestos de cipó.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção apresentam-se a fundamentação teórica adotada para o desenvolvimento da pesquisa, partindo dos conceitos da sociedade da informação, as transformações que resultaram em mudanças e evoluções do profissional da área de Biblioteconomia.

Para melhor percepção do estudo e em cumprimento aos seus objetivos é indispensável à compreensão desse novo conhecimento atribuído a esse profissional, portanto, serão abordados o conceito de sociedade da informação, sua caracterização, suas tecnologias, e suas implicações no campo biblioteconômico.

4.1 Sociedade da Informação: tendências

Apesar de estudos e correntes, afirmarem a existência de uma Sociedade da Informação em épocas que antecedem a escrita, o cenário atual é marcado por evoluções e transformações em todos os segmentos da sociedade e ficou caracterizado como sociedade pós-industrial ou Sociedade da Informação.

O motivo de impulsionar inovação e mudanças é devido ao seu caráter evolucionário, que resulta em transformações no campo tecnológico, em especial no que diz respeito à informação e, os meios relacionados a ela.

Como resultado, mudanças significativas surgiram a partir dessas transformações, como as formas de prestar e produzir produtos e serviços, nos meios e veículos de comunicação e informação, tendo em vista a mudança de ambiente, partindo do físico para o virtual.

Tal afirmação é facilmente visualizada no ambiente virtual, sendo a tecnologia utilizada como fonte de captação de recursos, tendo a harmonização de informação, cultura e tecnologia, correlacionadas.

O livro verde, Sociedade da Informação no Brasil (2000) aponta que foi possível verificar transformações nas relações sociais, como o aumento da produtividade informacional, que está intrinsecamente ligada ao investimento massivo de produção em ciência e tecnologia e a incorporação das tecnologias a vida dos indivíduos.

No entanto, a evolução desse contexto social (da informação), será para o conhecimento, partindo da industrialização em sentido à informação, o que teria efeito nas relações sócio-culturais.

Para Castells (1999, p.35) essa mudança de cenário, se insere no sentido que:

cada modo de desenvolvimento tem também um princípio de desempenho estruturalmente determinado que serve de base para a organização dos processos tecnológicos: o industrialismo é voltado para o crescimento da economia, isto é, para a maximização da produção; o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação.

Diante disso, a informação ganha status de produto, e capital, deixando de lado o fim a qual se destina, tal mudança ocorreu a partir da instituição desse novo cenário tecnológico.

Com esse novo status, de capital valioso, a informação infere não somente as relações sociais como o mercado financeiro, devido ao fato da migração de organizações para a rede, utilizando seu espaço para compra, venda, e disseminação da informação.

A evolução tecnológica impulsionou a migração de ambiente organizacional, no mercado financeiro e agora o informacional, tais mudanças tiveram grande impacto no mercado biblioteconômico, acarretando em mudanças na atuação dos profissionais da área.

Na próxima seção será exposta uma síntese da inserção do bibliotecário nesse novo cenário social.

4.1.1 Bibliotecário no contexto da Sociedade da Informação

Almeida (2009) ao discutir sobre o impacto das inovações da sociedade da informação na biblioteconomia indica que afirmações sobre o fim dos suportes de leitura, e lugares da memória (Bibliotecas, arquivos e museus) são correntes, o que conforme apresenta o autor:

marcaria uma inevitável passagem de uma cultura letrada para uma cultura que repousaria na comunicação audiovisual, cujo suporte seria as redes eletrônicas. Importa menos concordar ou discordar desse prognóstico, e sim buscar situá-lo concretamente numa perspectiva que dê conta das revoluções ocorridas nas maneiras pelas quais se relacionaram os textos, seus suportes materiais e as formas de leitura socialmente estabelecidas

Devido a esse caráter, evolutivo e da desconfiança com a preservação dos livros e de seus lugares da memória, uma nova postura dos profissionais que lidam com a preservação e disseminação desses suportes e seus conteúdos é constantemente proposta por diversas correntes.

Campos (2006) aponta que não é possível desagregar a posição do profissional de sua atividade, devido ao fato de os mesmos serem vistos como organizadores de livros, e guardiões da informação, o que não é errado, pois para se inserir nesse novo mercado de forma diferenciada, o bibliotecário deve aliar seu eruditismo clássico à evolução tecnológica.

Na literatura, encontram-se termos como novo perfil, novo profissional, o que está em questão são novos conhecimentos para atuação num mercado emergente.

O uso de tecnologias de base de dados on line, a evolução dos metadados, a migração de acervos físicos para o ciberespaço, oferta de serviços como chat de referência, disseminação de informação seletiva em redes como o twitter, requerem não somente conhecimentos específicos de ferramentas tecnológicas como dinamismo e criatividade.

Conclui-se, portanto, que para se inserir de forma atuante no novo cenário, o profissional da área de biblioteconomia deve atuar como um cibertecário,

conforme explica Lévy (2000, p. 47) propagando a co-presença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional, ou seja, o bibliotecário deve interagir quebrar convenções e aliar todas suas competências com as diversas áreas do conhecimento, e ferramentas tecnológicas (ou não).

4.2 Identidade Cultural

Nessa seção pretende-se oferecer um panorama dos conteúdos da Identidade cultural focado no objeto de estudo, a identificação do sujeito ilhéu com a cultura de seus pais colonizadores driblando a crise de identidade vivida pela sociedade contemporânea, ocasionada pela globalização, e movimentos migratórios, oriundos de um êxodo massivo devido à economia precária dos centros considerados rurais, que seguiu para os grandes centros urbanos e litorâneos.

Ferreira (2006, apud Canclini, 1997, p. 18) acerca da identificação com a cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, indica que ter uma identidade seria, antes de tudo, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável.

Ao abordar a questão da identidade do sujeito ilhéu de Florianópolis, chegamos a crer que o uso de tal termo nesse contexto torna-se um tanto equivocado, pois identidade é algo pessoal e individual, a identificação, como movimento sócio-cultural, abrange um sentido de massa, o que ocorre na Ilha de Santa Catarina.

A identificação apesar de ter tido um evento específico como estopim para seu início foi facilitada pela preservação da cultura devido à forma de povoamento da Ilha, efetuado, por famílias conforme discutido anteriormente. Nessa direção Monteiro (2010) aponta que todos reconhecem as matrizes açorianas na formação do nosso povo. Sua presença está na economia, na política, na cultura, nas artes, na literatura, (...). Na realidade aquelas famílias que chegaram aqui há 255 anos deixaram profundas marcas em nossa sociedade. A **identidade**

catarinense traz em seu âmago a influência daqueles milhares de açorianos. Esta migração plantou as raízes que definiram o povoamento da nossa terra. (GRIFO NOSSO)

Hall (2004, p. 39) defende a utilização do termo identificação no lugar de identidade,

em vez, de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. “A identidade não surge da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos”, ela provém de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através da quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Ferreira (2006, p. 72) explana que nunca foi assumida uma identidade acabada, a identidade encontra-se em constante processo de “formação cultural”. “A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. E ainda faz a seguinte indagação, mas, em tempos de globalização que lugar ocupam as identidades?

Hall (2003) discorre sobre o impacto da globalização no cenário atual da sociedade e aponta que a mesma vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, ilustrando as trevas do próprio iluminismo ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma distinção que prolifera.

Seguindo na mesma linha Miranda (2000) explica que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, por estar sujeito a formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais o condicionam.

A preservação cultural, resultado da capacidade de adaptação humana, aparece em novos formatos no cenário atual, onde os indivíduos são atingidos por diversas culturas ao mesmo tempo, devido à globalização e o grande número de imigrantes no país.

Seguindo nessa linha, ao tratar de identificação e globalização cultural o Livro Verde (2000, p. 59) indica que

O processo de globalização não tem provocado a homogeneização completa das culturas e das identidades. Pelo contrário, não apenas

antigas questões de identidade se mantêm vivas como se multiplicam diferentes bolsões de identidades locais, de inspiração religiosa, étnica ou comportamental, reanimadas e fomentadas como maneira de resistir à introdução de novos modos culturais uniformizantes.

De fato, seria um erro atribuir a perda de crença à globalização, pois se encontrou na rede, um meio de propagação e engrandecimento do sentimento patriótico, religioso, nos diversos formatos de comunicação da rede.

Levando em conta que na web são criadas identidades, e comunidades de interesse, que em muitos momentos encaminham-se para uma espécie de etnocentrismo, preferindo costumes próprios, excluindo os locais, convencidos de sua superioridade.

Costumes, dialetos, músicas, pratos típicos, atrativos que podem aproximar o forasteiro ou não. Não obstante, uma forte resistência em proteger conteúdos culturais de indivíduos de fora de seu meio social, por parte de membros mais antigos da comunidade é encontrada, em comunidades mais tradicionais, ou até mesmo as consideradas como folk.

Tal comparação e sentimento étnico é sentido por ambas as partes no início de uma adaptação. Pois se torna excessivo e explícito o julgamento de defeitos, cegando-os dos próprios.

Ao falar de cultura local, atribui-se características inerentes a comunidades, apontando as mesmas como parte um determinismo local e hereditário.

Para Laraia (1997 apud Keesing, 1970) não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado.

Os costumes são adquiridos de acordo com o local de crescimento, de criação do indivíduo, a sua formação básica tem influência no desenvolvimento étnico-social dos indivíduos.

A UNESCO (1950 apud LARAIA, 1999, p. 18) após a devastação nazista redigiu uma declaração na qual explanou que

Os dados científicos de que dispomos atualmente não confirmam a teoria segundo a qual as diferenças genéticas hereditárias constituíram um fator de importância primordial entre as causas das diferenças que se

manifestam entre as culturas e as obras das civilizações dos diversos povos ou grupos étnicos. Eles nos informam pelo contrário, que essas diferenças se explicam antes de tudo pela história cultural de cada grupo. Os fatores que tiveram um papel preponderante na evolução do homem são a sua faculdade de aprender e a sua plasticidade. Esta dupla aptidão é o apanágio de todos os seres humanos. Ela constitui, de fato, uma das características específicas do *homo sapiens*.

O comportamento, e costumes do homem dependem do seu aprendizado, de suas vivências em sua evolução social, portanto o que são encontrados nesses eventos são conteúdos que potencializam tais atributos.

As diferenças do ambiente físico são determinantes na diversidade cultural, o Brasil em sua extensão é um exemplo de diversidade cultural, em diversos estados do país existem culturas, costumes e falas diferentes, o determinismo geográfico tem grande influencia nos fatores culturais.

Miranda (2000) ressalta que tais identidades (cultural, nacional), no caso do Brasil, estão embutidas em nossa língua e em nossos sistemas culturais.

A identificação cultural reflete-se nas crenças, na arte local, na moral, nas leis costumes em qualquer país ou estado.

A aproximação com a cultura local possibilitou indagações relevantes a pesquisa, com relação ao por que da forte identificação, quando começou, todas as comunidades (locais) possuem tal identificação.

4.2.1 Açorianismo ou Açorianidade

As primeiras discussões acerca da Açorianidade ocorreram oficialmente durante o 1º Congresso de História Catarinense realizado, após a segunda Guerra Mundial em 1948.

O evento buscava revigorar a identidade cultural, durante um período de migração em que a cultura alemã, representante da colonização do Vale do Rio Itajaí-Açu e do norte do Estado, estava “engolindo” a cultura luso-brasileira no estado.

A questão ficou concentrada até o início dos anos 80, quando se sucedeu a Primeira Semana de Estudos Açorianos, aonde foi retomada a questão.

Nessa corrida pela preservação, e revisualização da açorianidade na ilha, na segunda metade do século XX, ocorrerá o que podemos chamar de invenção de tradições, uma mobilização de nomeação em meio à busca pela descoberta de paternidade dos costumes, e tradições.

Durante essa “corrida”, vários costumes de origem dos açores receberam sua nomenclatura correta, assim como outros objetos não-açorianos, também receberam tornando-se de origem açoriana, apesar de possuir nenhuma ligação com o arquipélago.

Ferreira (2006, p. 41) indaga, ora, se esta população dizia não ter origem, o que isto significa em termos de identidade? Cabral escreveu, em 1948, em os Açorianos, publicado nos Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, que:

E são os remanescentes destes os que ainda existem isolados em pequenas póvoas, à beira das praias, ligados à pobreza das terras, que eles esgotaram, pela indigência em que vivem, extinguindo-se numa lenta e dolorosa agonia. Tal gente tem-se buscado para expor como sendo os descendentes do açoriano fracassado (grifo meu), quando é ela apenas a descendência dos que não tiveram a coragem de abandonar a terra, ou não puderam fazê-lo.

A açorianidade, por um longo período, acabou se restringindo a um pequeno grupo, apenas no final da década de 1980 e início de 1990 que o movimento atinge às massas. Uma política de identidade, desenvolvida, principalmente, pelo Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) (ilustrado na figura 2) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) instituído em 1984, começou a ser consolidada nesse período.

The screenshot displays the website of the Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) at UFSC. The header includes navigation tabs: Institucional, Atividades, and Assuntos Gerais. The main content area is titled 'Florianópolis - Quarta-Feira, 07 de Julho de 2010'. It features a large image of a woven basket with the text 'Renda de bilro, artesanato comum no litoral do Estado de Santa Catarina, herança dos açorianos que aqui chegaram a partir de 1748.' Below this is a poster for the '16º ACOR' (Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina) held from October 9 to 11, 2009, in Palhoça - SC. The sidebar on the right contains a table of contents with links to various sections like 'Página Inicial', 'Institucional', 'O que é o NEA', 'Estrutura/Área Atuação', 'Conselho Deliberativo', 'Contatos', 'Marca do NEA', 'Atividades do NEA', 'Mapeamento/Banco Dados', 'ACOR/Galeria fotos', 'Troféu Açorianidade', 'Assuntos Gerais', 'Síntese Histórica Açores', 'Guia dos Açores', 'Links Relacionados', 'Cultura Açoriana', 'Homenagens/Monumentos', 'Notícias', and 'Artigos'. At the bottom, there is a banner for 'ComunidadesAcorianas.org' and a small image of a book titled 'Danças folclóricas do Litoral Catarinense'.

Figura 2: NEA UFSC - Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina
Fonte: NEA - UFSC¹

Não bastava somente o sentimento de identidade ficar entre a elite intelectual, era preciso atingir às massas, o povo, pois a cultura é popular, pertence ao povo e não a um pequeno grupo.

Dessa forma, verifica-se na Ilha uma espécie de fases, ou ondas de transformação, que condicionaram o sentimento de identificação cultural.

Tais ondas podem ser caracterizadas da seguinte forma:

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);

Eletrosul – Centrais Elétricas SA;

Especulação imobiliária

Gustavo Kuerten

A chegada da Eletrosul e a fundação da UFSC causaram impactos similares na Ilha de Santa Catarina, quanto à mudança do estilo de vida local, o que iniciaria o “hibridismo” e o reforço do desejo de “nacionalismo”. A especulação de certa forma foi em decorrência desses dois fatores iniciais com a chegada de funcionários para a Eletrosul e para a UFSC, assim como a abertura de cursos

¹ <http://www.nea.ufsc.br/>

universitários que ocasionaram a mudança de estudantes para a Ilha.

Portanto foi preciso que tais acontecimentos condicionantes provocassem esse desejo entre todas as camadas da sociedade, que teve logo em seguida, devido as suas práticas da farra-do-boi, uma caracterização do sujeito ilhéu como “bruto”, por parte do forasteiro e entrando assim num atrito cultural com os cidadãos da ilha. Esse atrito despertou no sujeito ilhéu o desejo de preservação e defesa de seus costumes culturais.

E por último o “efeito Gustavo Kuerten”, mais conhecido como Guga, famoso desportista brasileiro que ao despontar em sua categoria desportiva chamou a atenção para a mídia que queria descobrir suas origens, até que em um evento o mesmo se declarou como sendo um “Manezinho da Ilha de Santa Catarina”.

As declarações do desportista catarinenses tomaram grandes proporções, tanto que transformaram um termo caracterizado como pejorativo em motivo de orgulho e identificação cultural.

No litoral catarinense assistiremos esta temporalidade dupla: a elite dizendo, desde 1948, que esta população era descendente dos açorianos e esta população ignorando esta ascendência. Foi durante a crise dos anos de 1980, sintetizada na polêmica criada sobre a “Farra do Boi” e na explosão imobiliária do litoral, que assistimos a busca desta identidade, que se julgava perdida e que outros diziam inexistentes (FERREIRA, 2006, p.57).

A partir de tais ocorridos a identificação açoriana na ilha começou a aflorar e o movimento de identificação e criação do sentimento começa a despertar nos cidadãos da ilha, em meio ao confronto, e defesa da preservação de sua cultura.

A identificação e preservação de conteúdos identitários, como os falares açorianos em Santa Catarina, passaram a ganhar novos olhares e status, o que antes era considerado uma forma de analfabetismo, ganhou status de riqueza cultural. Entre os muitos trabalhos desenvolvidos, a Comissão Catarinense de Folclore, em seu boletim de folclore buscava a preservação e divulgação de tais conteúdos, conforme ilustrado na figura a seguir.

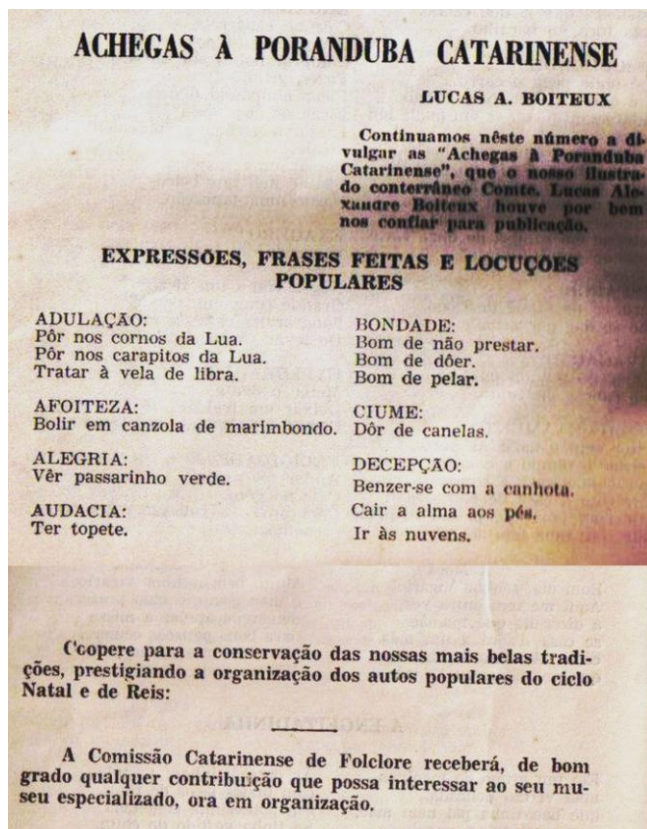


Figura 3: Publicação Comissão Catarinense de Folclore
Fonte: Boletim Catarinense de Folclore²

A identidade açoriana começa a ser construída após a revolução de 25 de abril de 1974, condicionada pelo movimento político, conhecido no Brasil como Revolução dos Cravos. Tal movimento derrubou o Estado Novo que existia desde 1926, a independência, e criação de uma região autônoma dos Açores, tomou início a partir de tal mobilização, criando assim o desejo de identificação cultural, com os filhos açorianos de outros continentes.

Ferreira (2006, p. 59) explica que

através da Direção Regional das Comunidades, realizaram-se vários Congressos Mundiais das Comunidades Açorianas. Portanto, a reinvenção da tradição açoriana não é um movimento unilateral de uma

² Boletim Catarinense de Folclore, ano 3, n. 8, Jul. 1957

elite cultural catarinense como pretendem alguns pesquisadores, é um movimento que encontra forte apoio, inclusive financeiro no Governo regional dos Açores, que tenta fazer a comunicação entre os integrantes do que se convencionou chamar de Diáspora açoriana. Estes homens e mulheres que acreditam ter nos Açores o passado comum compartilham esta identificação como imagem.

O movimento de açorianização que ocorreu na Ilha foi enxergado por diversas camadas como “racialista”, etnocêntrico e de uma elite culta envolvida com tais questões. Devido a essa mobilização, tem-se a impressão de tudo que é encontrado na Ilha ser de origem açoriana, o que acaba sendo errado.

Ao encontrar no litoral, forma de abrigo, os colonizadores da ilha passaram por um processo de adaptação ao fazer uso dos recursos disponíveis, como o cultivo da mandioca, e sua manufaturação (costumes de origem índio-brasileira) durante esse processo, formaram-se sujeitos híbridos através do “abrasileiramento” das famílias, e das invasões culturais com o êxodo rural, e logo após com a globalização.

Após o levantamento de tal questão, é possível concluir que a identificação do sujeito ilhéu com a cultura dos seus pais colonizadores, é oriunda de um movimento sócio-cultural, alavancado pela elite erudita local e, potencializada por dois fatores excepcionais:

- a) a necessidade de defender seu território da invasão migratória devido à especulação imobiliária, e a economia precária rural;
- b) a separação dos açores do governo português, tornando-se território independente, assim buscando reforçar o “nacionalismo” em comunidades originadas a partir de sua colonização.

Verifica-se um reforço contínuo do nacionalismo açoriano, com início dos colóquios e encontros de estudos açorianos (ilustrado pela figura 3), fortalecendo a identificação dos filhos das colônias açorianas, que foi ainda mais estimulado com a globalização e a criação de sociedades em rede.



Figura 4: Semana de estudos e festa da cultura açoriana em Santa Catarina
Fonte: NEA - UFSC³

³ <http://www.nea.ufsc.br/>

4.3 Preservação da Memória

Os avanços do cenário atual condicionaram mudanças sofridas pela sociedade contemporânea, nessa direção Almeida (2009) indica que afirmar que a evolução tecnológica tem impacto nas mudanças sociais, é um tanto equivocada, pois ambas tem uma correlação mútua, o avanço das duas está conectado, e não uma necessariamente dependerá da outra.

Apesar de todas as transformações, persiste ainda a memória, afinal o espaço de criação potencializa o comportamento, os costumes e o discurso do sujeito, ou comunidade.

O povoamento da Ilha de Santa Catarina se deu por famílias açorianas direcionadas ao sul do Brasil que se instalaram na região litorânea do estado devido à similaridade com seu local de origem.

O povoamento realizado por famílias possui um diferencial, pois dessa forma a herança cultural é preservada, passada adiante hereditariamente, assim os costumes continuam os mesmos, principalmente com a ação do tempo e da tecnologia.

Devido ao processo de adaptação dos açorianos no território brasileiro, a informação original continua preservada, mas perde alguma de suas características e peculiaridades.

Ao carregar tal carga informacional, o sujeito se transforma em uma fonte de informação viva. Cabe ao profissional da área da Biblioteconomia e Documentação, fazer uso desse avanço e trabalhar com as novas formas de preservação e disseminação da memória.

Almeida (2009) ao discutir tal temática, indica que para se inserir no novo cenário de forma atuante é preciso uma abordagem interdisciplinar que uma a História, as Ciências Sociais e a Ciência da Informação e Comunicação.

Figueiredo (2005, p. 40 e 41 apud SILVA, 2006, p. 25) explica que sem memória, o presente de uma cultura perde as referências ideológicas, econômicas e culturais que a originaram.

A memória formula um método seletivo, que recupera no presente signos e experiências. E ainda constitui-se em um sistema onde se cruzam conteúdos culturais enquanto signos de representação.

Tais representações encontram-se presente na memória, concedendo ao sujeito identidade cultural, e propicia a construção do conhecimento.

Mesmo em comunidades isoladas, consideradas como folk, os indivíduos acabam por produzir e disseminar informações que circulam pela sociedade, em qualquer suporte que as mesmas tenham contato.

A partir do contato inicial com a informação, seja ela de caráter cultural, o indivíduo se torna uma fonte de preservação, pois o mesmo inicia um processo de assimilação, armazenamento, fazendo uso da memória biológica.

Ferreira (2006, p. 15) explica que, desde que haja distância que necessite de mediação entre o que foi vivido e o cotidiano atual já não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. Memória não é sinônimo de História. Ao contrário, elas estão sempre colocadas em oposição. Memória é a vida sempre em evolução e sujeita ao esquecimento e à lembrança, inconsciente de suas deformações

Segundo Foucault (2005), a história, em sua forma tradicional, tem se dedicado a “memorizar” os monumentos do passado, transformando-os em documentos e fazendo-os falar.

Para dar seguimento durante o projeto foi necessário o uso de referências, de um histórico que direcionasse a outros históricos, que não são encontrados em livros, apenas é disseminado através de fontes de informação humana, memórias individuais e pessoais.

Le Goff (2003) indica que memória, enquanto fenômeno social pode ser entendida como a História, a cultura de um povo. Pode, ainda, ser entendida como memória coletiva, aquela que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo por ser a memória de uma sociedade.

Ainda Le Goff (2003), sobre memória coletiva refere-se à memória da sociedade oral, pois, com a escrita, a memória coletiva se materializa em duas

formas: a primeira é a comemoração, a no formato da inscrição e do monumento, e a segunda, é a forma do documento em suportes próprios para o registro da escrita. Indicando assim que a evolução da escrita ocasionou uma transformação na memória coletiva.

A preservação do conhecimento do passado protege a base da sociedade contemporânea e do futuro e com isso, preservamos o direito à cidadania, garantindo assim a construção de um cidadão ativo.

Silva (2006, p. 20) explica que a questão da preservação da memória é discutida através de imagens construídas do patrimônio histórico e ações que têm acabam por resultar em sua destruição ou manutenção.

Ainda Silva (2006, p. 23) indica que o patrimônio histórico, representante da memória coletiva, não deveria ser entendido como um objeto portador de uma memória estática, pois, se por um lado serve como símbolo de uma época, por outro está inserido em um processo histórico em andamento.

O uso da memória serve como uma ponte para o tempo passado, que ficou perdido e não se repetirá, a não ser na lembrança dos indivíduos.

Assim, Monteiro, Carelli e Pickler (2008) indicam que a memória e a tradição eram inscritas e preservadas nas mentes dos indivíduos e repassadas por gerações.

Fazem parte do conjunto da memória, a lembrança e o esquecimento, os mesmos estão conectados ao processo de evocação de conteúdos do passado.

A memória dos idosos, por ter atravessado tantas gerações e tipos de sociedade, é a que melhor representa os fatos, pois, “pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem [...] absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade”. (BOSI. 1987 p. 22 apud SILVA, 2006, p. 24).

A idéia de memória realça um sentimento de participação, de pertencer a um determinado grupo ou lugar, tais aspectos exaltam a importância da teoria dos lugares de memória.

Portanto, conclui-se que é possível evitar o desaparecimento dos referenciais culturais, tempos-lugar da memória, materiais e imateriais, sem os quais se limitam as perspectivas de futuro, por meio da preservação da memória, caminhando lado a lado com a educação visando à preservação do patrimônio histórico cultural.

4.3.1 Memória e Tecnologia

A Era da informação, em suas diversas contribuições apresenta cada vez mais, novas discussões acerca do impacto tecnológico na sociedade, e como consequência o “fim dos lugares da memória” (bibliotecas, arquivos e museus).

Lévy (2002) atribui três fases aos processos de memória e comunicação humana, sendo esses a oralidade, a escrita e a informática, enfatizando no último a existência e importância do esquecimento.

Apesar das diferenças explícitas nas três fases, existe uma correlação mútua entre os termos, criando dessa forma uma dependência entre eles.

As pessoas produzem e disseminam informação, pois as mesmas armazenam e preservam a partir do contato inicial. Tal afirmação vai de encontro com a feita por Lévy (1998), quando o mesmo diz “a maioria de nós produz, transforma ou propaga a informação”.

Apesar de todas as transformações sócias, tecnológicos e principalmente no campo informacional, é um erro determinar que tais fatores ocorreram apenas devido à evolução tecnológica.

Nesse sentido Werthein (2000):

O foco sobre a tecnologia pode alimentar uma visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia (...) nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais pré-existent, a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

Dentro do contexto de transformação social, voltamos a Lévy quando o mesmo afirma que sociedade e tecnologia são condicionantes mútuos, portanto um necessita do outro para que haja uma transformação.

O mundo informatizado apresenta inúmeras formas de armazenamento e preservação, entra-se então na era digital, com a convergência dos chamados suportes informacionais, que são conduzidos a um novo modelo de preservação e disseminação da informação, as mídias digitais.

Tal evolução ocasionou mudanças nos setores ligados à memória, e nos suportes utilizados pelos mesmos, o que no início dos estudos de arquivo surgiam como suportes especiais, as fitas k-7, VHS, entre outros, beiram a extinção, nos dias atuais, perdendo espaço para as novas “mídias” de armazenamento, e os diversos espaços destinados à memória encontrados na rede.

Goulart, Perazzo e Lemos (2005) caracterizam tais inovações como sistema essencial para viabilizar controle, manipulação e a gestão de grandes volumes de informação, sendo essas funções vitais somente possibilitadas pela informática. Os mesmos ainda afirmam que sistemas computacionais podem ser construídos para explorar essa multiplicidade de mídias, que englobam o texto, som gráficos, animações e vídeos, recursos conhecidos como hipermídia baseado no conceito de hipertexto, que realça a possibilidade de navegação entre as diversas mídias de forma não linear.

Na sociedade contemporânea as inovações tecnológicas, especificamente as TIC's, impulsionaram transformações em todos seus setores. Sendo assim possível afirmar que a tecnologia pode atuar como processo de transformação cultural da sociedade.

Nesse sentido foi possível apontar novos suportes de preservação da memória, aquém das mídias digitais, aliado a rede.

Embora, exista muita discussão em torno da confiabilidade, e estabilidade da rede, os “lugares da memória” da web ganham cada vez mais espaço, conforme o número de usuários da rede cresce.

As comunicações através dos inúmeros meios de comunicação da web

propiciam uma nova forma de preservação e disseminação da memória e cultura.

Sites institucionais como do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), vinculado ao Ministério da cultura, apresenta em seu banco de dados on line, um rico acervo do folclore e cultura popular brasileira, conforme ilustrado na figura abaixo.



Figura 5: Acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Fonte: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular⁴

Os compartilhadores virtuais, que permitem a inserção de materiais como áudio, vídeo, fotos, apresentações, documentos, etc. Um exemplo de compartilhador é o Youtube da empresa Google, que entra no cenário virtual da comunicação audiovisual, com vídeos das mais diversas naturezas, desde um simples anúncio comercial a uma roda de boi-de-mamão, como ilustra a figura 3.

⁴ <http://www.cnfcp.gov.br/>



Figura 6: Cantigas de Boi-de-Mamão, veiculadas no compartilhador Youtube
Fonte: Youtube⁵

Os recursos virtuais disponíveis, resultados da transformação da web, no contexto contemporâneo em seu formato 2.0, estão em evidência, devido à característica desse seu novo formato, colaborativo.

Muitas são as ferramentas colaborativas da web 2.0, e é inegável o volume de informação cultural veiculada na rede, disponibilizadas em blogs, wikis, redes sociais, comunidades e “mundos” virtuais.

A necessidade do uso de tecnologia pela população possibilitou a criação de um novo cenário social, esse caracterizado como Sociedade virtual, exemplos claros desse cenário são as comunidades virtuais, as redes sociais de relacionamento, as nings, espaços na rede em que o indivíduo cria relacionamentos com outras pessoas que fazem parte de comunidades com gostos e afinidades.

É possível visualizar através da figura 4, o uso de comunidades virtuais, fomentando a preservação e circulação de conteúdos da memória cultural, como

⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=O9UhlcnGr2I>

dialetos, ditos populares, e afins, remetendo a outros espaços virtuais que possuem a mesma finalidade.

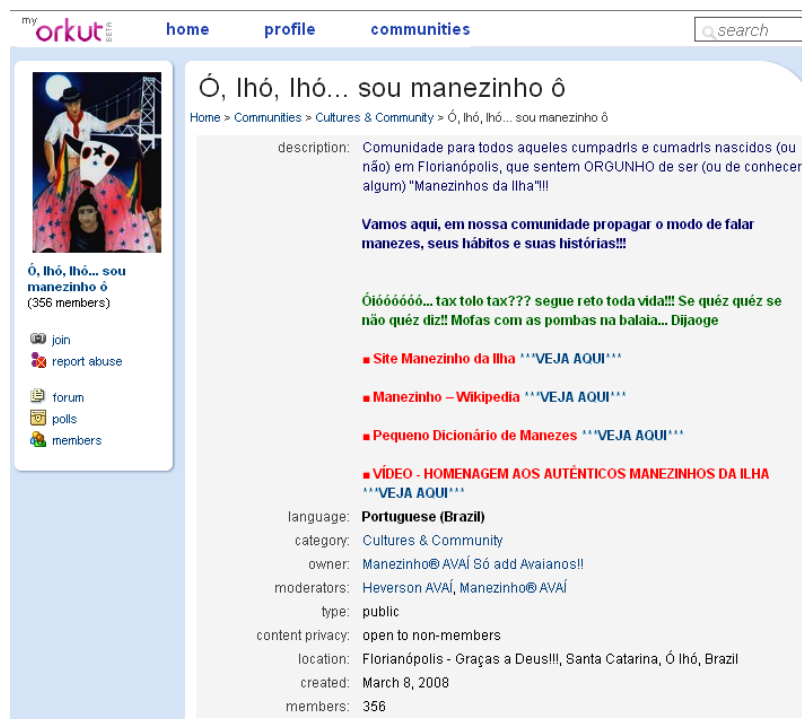


Figura 7: Comunidade virtual de preservação dos falares açorianos – Orkut
Fonte: Rede social Orkut⁶

Monteiro e Carelli (2007) apontam que o Ciberespaço irrompe como novo meio de disponibilização de informações e conhecimentos e, portanto, um novo foco de trabalho da Ciência da Informação, trazendo à tona a outra face da memória: o esquecimento.

Num sentido de produção, preservação e disseminação, a informação está presente em duas formas, tanto física quanto virtual, dependendo do suporte em que está inserida, sofrendo no ambiente virtual uma “desterritorialização”.

O problema da memória virtual está em sua falta de garantias de preservação, pois como elucidam Monteiro e Carelli (2007) a mesma não possui instrumentos e dispositivos que estejam preservando essas informações e

⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=46682973>

conhecimentos consolidando uma memória de longo alcance

Nessa direção Lévy (2002, p. 131)

esta gigantesca biblioteca de modelos em vias de construção, toda esta imensa reserva não constitui ainda uma memória. Porque a operação da memória não pode ser concebida sem as aparições e supressões que a desagregam, que a moldam de seu interior

Na sociedade virtual, em especial na rede, a problemática do esquecimento é uma constante, devido à falta de garantias de preservação. O esquecimento é atinente ao Ciberespaço. Nesse sentido, Monteiro e Carelli (2007) indicam que o esquecimento afeta, de maneira mais sutil, a sociedade escrita que as demais. O esquecimento, entre outras características, aproxima a oralidade do modelo digital.

O livro verde da Sociedade da Informação no Brasil (2000, p. 6), dentro da discussão de informações preservadas em mídias digitais, e no contexto da web, faz os seguintes apontamentos:

Em um contexto globalizado, o volume de informações disponíveis nas redes passa a ser um indicador da capacidade de influenciar e de posicionar as populações no futuro da sociedade. Assim, a preservação na sociedade global, é decisiva para a capacitação em assuntos culturais, artísticos, científicos e tecnológicos, com suas claras dimensões econômicas. Portanto, questão estratégica nas políticas e programas de inserção na sociedade da informação (...) além de cuidar do uso adequado das tecnologias, aumentar a quantidade e a qualidade de conteúdos nacionais que circulam nas redes eletrônicas e nas novas mídias. O amparo às identidades culturais nos novos meios resultará em benefícios evidentes, na forma de incremento da atividade econômica em geral e desenvolvimento da cidadania

4.3.2 Biblioteconomia, Memória e Patrimônio

A ligação entre memória e Biblioteconomia, está em evidência desde o surgimento do campo. Aliado a memória, no campo científico da Ciência da Informação, ainda é discutido o esquecimento, nas três temporalidades da memória devido o seu relacionamento com a área que tem como a principal categoria da memória, a preservação.

A Ciência da Informação (abrangendo Arquivologia, Biblioteconomia e em

alguns casos, a Museologia) como campo interdisciplinar de conhecimento, responde aos problemas informacionais da sociedade, de sua origem voltada ao uso da informação nos diferentes contextos humanos, conforme explica Saracevic (1996).

Assim, considerando suas áreas afins, tem-se a preservação como um aspecto central de preocupação e atuação dos profissionais atuantes nos chamados “lugares da memória”.

Lucas (1998) explana que os lugares da memória podem ser classificados em lugares topográficos, como as bibliotecas, arquivos e museus, em lugares funcionais, a que pertencem os manuais, as autobiografias ou as associações e os lugares monumentais, que são os cemitérios ou as arquiteturas.

A memória está ligada a habilidade que os indivíduos têm de armazenar, em seu sistema, dados, informações relativas a seu meio e vivências, para assim gerar conhecimento, trazendo resultados imensuráveis para o mesmo.

Olhando por outro prisma, memória pode ser também constituída de vestígios, indícios, de eventos, ou comunidades deixados nas linhas do tempo.

A memória caracteriza-se, pela recuperação, armazenamento e preservação de dados, ou informação para posterior disseminação, que terá como produto, ensino/aprendizado, pode-se dizer então que a memória está ligada a cognição.

Ferreira e Amaral (2004, p.139), apontam que falar de memória é falar de uma estrutura específica de arquivamento que permite experiências socialmente significativas do passado, do presente e da nossa percepção do futuro.

O ato, ou atividade ligada à memória não pode depender somente da capacidade cerebral do indivíduo, pois não se trata apenas de uma atividade intelectual, os conteúdos de tempos passados não sobrevivem sem os suportes de preservação que remete aos costumes e tradição de uma comunidade específica. Dessa forma a memória está atrelada aos métodos da escrita, oralidade.

Sendo assim as “modalidades” da memória, estarão sempre relacionados

às técnicas, e aos suportes de conservação. É preciso levar em conta condições de elaboração, da informação e seu destino final.

Lévy (2002, p. 77), explica que dentro da oralidade primária, a palavra tinha a gestão da memória social como incumbência, não a simples livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Desta maneira, afirma-se que a base cultural estava estabelecida dentro da lembrança dos indivíduos.

A lembrança que em muitos casos, nas sociedades passadas era atribuída aos anciãos devido a sua vivência e experiências adquiridas com o passar do tempo possuíam conhecimentos valiosos, considerados homens memória, fontes de informação vivas. Nesse sentido Lévy (1998, p.177) fez a seguinte afirmação quando um ancião morre, é uma biblioteca que se queima.

Às essas fontes de memória vivas ficava a incumbência de passar as genealogias e todo o saber de práticas e técnicas, bem como os mitos e costumes, populares e religiosos.

Fazendo uma ressalva aos “mnemones”, considerados antigos profissionais da memória, que surgiram com a tarefa de magistrados encarregados de conservar na sua memória fatos relevantes a cultura religiosa e práticas profissionais Le Goff (1) aponta que com a evolução da escrita estas fontes de informação vivas passaram a atuar como arquivistas.

Dentro da Biblioteconomia e Documentação, encontram-se diferentes definições da temática memória, de acordo com o contexto em que os dados se encontram a abordagem utilizada para recuperá-los e os suportes de registros (oral, audiovisual, escrito, imagem, digitalizado).

Uma das características mais marcantes da Biblioteconomia encontra-se na sua capacidade de estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento, ou seja, a interdisciplinaridade.

Ao discorrer do tema memória dentro da Ciência da Informação, Pinheiro (2005) o aponta fundado desde o próprio surgimento da mesma como área do conhecimento:

A Ciência da Informação tem dupla raiz: de um lado a Bibliografia/Documentação e, de outro, a recuperação da informação. Na

primeira o foco é o registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização e, no segundo, as aplicações tecnológicas em sistemas de informação, proporcionadas pelo computador.

A memória, portanto, enquanto modalidade sempre esteve ligada à Ciência da Informação, desde seu surgimento, foi apenas “esquecida” conforme sua evolução.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao iniciar a execução dos objetivos da presente pesquisa, em relação à preservação e disseminação da memória e cultura açoriana em duas freguesias da Ilha de Santa Catarina, foi preciso optar por abordagens metodológicas que fornecessem subsídios para alcançar o almejo da pesquisa. Tais procedimentos tinham a incumbência de nortear os objetivos, tanto em relação à preservação quanto em relação aos meios de disseminação da cultura, levando em conta a dessemelhança dos processos adotados para a análise.

Para um melhor entendimento, nesta seção será apresentada a descrição das técnicas e métodos utilizados para a execução do trabalho.

De acordo com seus objetivos a pesquisa pôde ser definida como descritiva. Figueiredo (2008, p. 94) explica que tal pesquisa tem como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis obtidas por meio da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Nesta pesquisa relataram-se as características da população, e os fenômenos relacionados ao problema.

Quanto aos procedimentos técnicos, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e levantamento. Considerando que em parte o estudo foi elaborado apoiando-se em material bibliográfico publicado e disponibilizado em periódicos científicos nacionais, e internacionais da área de Biblioteconomia, Ciência da Informação, bibliotecas virtuais de teses e dissertações, bases de dados virtuais como E-Lis E-prints, brapci.

A pesquisa bibliográfica é considerada como passo decisivo em qualquer pesquisa científica, pois consiste em um levantamento da bibliografia referente ao assunto que se deseja estudar em um determinado período, tendo como base da pesquisa o *corpus de análise*, possibilitando conhecer várias contribuições científicas sobre o mesmo, e seu estado da arte. (MEDEIROS, 2000; GIL 2002; SANTOS, 2000). Já para Silva e Menezes (2005) o levantamento é uma técnica

que envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

Quanto à forma de abordagem, teve caráter qualitativo. Pois conforme explica Gunther (2006) tal pesquisa insere-se na primazia do “compreender a vida mental”, pois é daí que reaparece em todas as discussões sobre a natureza da pesquisa qualitativa. Para ele a pesquisa qualitativa é mais dinâmica na medida em que o pesquisador pode interagir com o seu objeto de estudo. Na pesquisa qualitativa há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados.

Para Dias (1998) a pesquisa qualitativa caracteriza-se principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo. Liebscher (apud DIAS,1998) diz que para aprender métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas.

Para uma melhor percepção dos instrumentos adotados, a seção foi dividida em dois momentos:

- Em relação aos integrantes das comunidades escolhidas;
- Em relação aos meios de disseminação da informação cultural;

5.1 Em relação aos integrantes das comunidades escolhidas

Para responder à questão sobre memória cultural nos membros das comunidades, foi preciso adotar uma abordagem de pesquisa que aliasse memória, e a oralidade dos pesquisados ao caráter qualitativo da mesma.

Dessa forma o método empregado foi o da história oral, que conforme explica Garnica (2005), é uma abordagem qualitativa de pesquisa que vincula oralidade e memória. O mesmo ainda afirma que tal abordagem é um caminho seguro para trabalhos que tem por objetivo a formulação de documentação

histórica e reflexão social por meio de resgate da memória – individual e coletiva.

Nesse sentido Cassab (2003) aponta que:

ao invocar a memória, o pesquisador deve ter cuidado ao utilizar o termo 'memória coletiva', mesmo que o propósito seja o de registrar as lembranças compartilhadas e aproveitadas por dada coletividade. É necessário cautela ao registrar tais dados e situá-los fora do indivíduo, sob o termo 'memória coletiva'.

A coleta de dados ocorreu através do uso da entrevista. Conforme apresenta Triviños (1987, p. 146) a técnica de entrevista pessoal, caracteriza-se como um dos principais meios do investigador para realizar a coleta de dados. Neste método podem ser realizadas entrevistas estruturadas (fechadas), semi-estruturadas e a entrevista livre (aberta).

Dentre as diversas formas de entrevistas, foi selecionada para posterior emprego a história de vida, e em alguns momentos rodas de diálogo, de forma a interagir com o entrevistado e fazer com que o mesmo entre em contato com suas memórias mais profundas trazendo a tona experiências vivenciadas pelo mesmo.

Boni e Quaresma (2005) apontam que a História de vida tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Já Cassab (2003) explica que a história oral refere-se a situações em que o próprio narrador referencia sua vida e experiência.

Assim, a fala do entrevistado torna-se fonte de informação documental que contribuirá para a construção do trabalho do pesquisador. Assim, concordante com a afirmação de Adami, Boll e Oliveira (2004), quando indicam que na metodologia de história oral, por ser uma metodologia participativa o entrevistado é também um colaborador da pesquisa e, portanto agente e objetivo do conhecimento a ser construído.

A técnica de coleta de dados utilizada implica num trabalho árduo a ser desempenhado, no que diz respeito quanto à postura do entrevistador.

Dessa forma, Montysuma (2006) aponta “os ingredientes” corretos e indispensáveis para o sucesso da entrevista em história oral, são eles:

- a) Tranquilidade
- b) Confiança

- c) Cumplicidade
- d) Sinceridade
- e) Respeito

O mesmo elucida que ao fazer uso de tais ingredientes, o entrevistador direciona-se para o sucesso da entrevista, mas não somente esses aspectos devem ser lembrados no momento da entrevista, há de ficar atento com a linguagem corporal.

Essas são questões a que não atentamos, porém os códigos contidos nos olhares e nas posições do nosso corpo mandam mensagens para nossos interlocutores (MONTYSUMA, 2006).

Bourdieu (2003) defende que a ética do acordo firmado entre entrevistador e entrevistado no momento da coleta deve ser respeitada, com relação ao sigilo da fonte, o que estreita as relações entre os dois, e confiança entre os mesmos.

Ao utilizar técnicas de coletas de dados que envolvem interação direta com os entrevistados, é preciso levar em conta a problemática da disponibilidade e inibição dos mesmos. Thiollent (1987) esclarece que para a utilização da técnica de entrevista em uma pesquisa, uma determinação amostral para definição dos sujeitos que serão entrevistados não se faz necessária, uma vez que tal seleção (determinação) baseia-se na disponibilidade do entrevistado.

Ainda assim, é possível utilizar amostragem por julgamento ou intencional, não aleatória e não probabilística. Tais amostras são constituídas por amostras que possuam as características necessárias e importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Nessa direção, Rudio (1986, p.63) explica que “a amostra intencional dá-se segundo de uma estratégia adequada do pesquisador e são escolhidos e utilizados casos que represente o objeto de estudo”, e Barbetta (2006) inteira explicando que significa utilizar elementos julgados como sendo típicos da população que se deseja estudar, oferecendo a possibilidade para o pesquisador escolher o que considera relevante e importante.

Nesse sentido Alberti (2004) indica que a escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma

preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos.

A partir da seleção, efetuou-se contato com a população convidando a participar da pesquisa. Após a coleta, efetuou-se análise e transcrição (APÊNDICE B – ENTREVISTA) dos dados obtidos, por meio de técnicas da história oral, para a elaboração dos resultados da pesquisa.

No momento da análise, Montysuma (2006), chama atenção para as armadilhas da fala, fonética, que o entrevistador deve estar atento, ao transcrever o material.

Os depoimentos/relatos/entrevistas das pessoas expressam significados não mensuráveis, à primeira vista, através da altura da voz, quando externa determinado conteúdo, ou quando mudam de assunto e retornam ao anterior, para não abordar algo que não lhes convém (...) silêncio, nas repetições, nas reticências, nas entonações da fala, que remetem a entendimentos através das inflexões das frases, nos prolongamentos das palavras, no prolongamento ou acentuação à sua maneira de certas sílabas na palavra pronunciada, quando a pessoa que fala se resguarda, evitando que determinado conteúdo seja publicizado, ou quando se emociona e sofre por algo rememorado naquelas circunstâncias

5.2 Em relação aos meios de disseminação da informação cultural

Para verificar os meios de disseminação da informação cultural, em relação ao objeto de estudo, foi utilizada a técnica de levantamento (ou survey), que conforme elucida Barbeta (2006), se dá pela observação de diversas características dos elementos de certa população ou amostra. A observação é feita naturalmente e sem a interferência do pesquisador.

A população foi composta por comunidades virtuais, redes sociais, blog, compartilhadores e wikis encontrados na *Web*, que possuíam características inerentes ao problema de pesquisa.

Nesse caso a amostragem utilizada foi a não probabilística por julgamento ou intencional, que conforme explicado anteriormente por Rudio e Barbeta (1986; 2006) dá-se de acordo com a estratégia adequada do pesquisador e são escolhidos e utilizados casos que represente o objeto de estudo, ou seja, significa utilizar elementos julgados como sendo típicos da população que se deseja estudar, oferecendo a possibilidade de escolher o que for considerado relevante.

A seleção da amostra não implicou em restrições geográficas, pois nesse aspecto o estudo abrangeu ciberespaço tanto no contexto brasileiro quanto açoriano, buscando formas de divulgação e disseminação de conteúdos da cultura açoriana.

Para a seleção amostral, foram considerados os aspectos a seguir:

- a) Possuir serviços e características de blogs, wikis ou compartilhadores;
- b) Estar inserido em sites de comunidades virtuais, redes sociais, e afins;
- c) Apresentar conteúdos da cultura e falares açoriano.

6 RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados do e, efetuados através de levantamento e observação.

6.1 LEVANTAMENTO

Apresentam-se nesta os resultados das informações recolhidas por meio da observação na primeira etapa da pesquisa, e preenchido de acordo com a informação referente aos objetivos pesquisa.

6.2 Caracterização da amostra

A amostra quanto a sua origem, encontra-se em sua maioria no ambiente virtual, ocupando espaços em *Websites* de tipo blog, rede social, compartilhador, pagina de uso pessoal, e institucional, microblog e afins.

Quanto à localização geográfica, verificou-se maior incidência em páginas de usuários residentes no Brasil, e em menor número por usuários do Arquipélago dos Açores.

Com relação ao público-alvo a qual direcionavam seus serviços, verificaram-se quem em 100% (sua totalidade) direcionava-se ao público com interesse na cultura açoriana, com relação a sua disseminação e preservação.

6.3 Caracterização quanto aos recursos de preservação virtual

Os dados analisados a serem apresentados nessa seção relacionam aos serviços e suportes identificados pela pesquisadora nos veículos de comunicação da Web, através de observação, onde se identificou uma padronização dos

produtos e serviços oferecidos, apesar das diferenças culturais e geográficas encontradas, pois pertencem a continentes distintos.

Assim, a aproximação com a comunidade analisada, foi de grande valia, pois atribuiu conhecimento para o andamento da pesquisa. Para tanto, observou-se as características da informação encontrada.

Os recursos encontrados caracterizam-se por materiais audiovisuais (vídeos), fotografias, imagens digitalizadas, músicas em formatos digitais (mp3, wave), textos, mas apresentando padronização das características lingüísticas, sempre com dialetos e ditos populares.

Após os dados levantados, verifica-se uma preservação dos conteúdos identitários do sujeito ilhéu na Ilha de Santa Catarina, através de esforços de comunidades virtuais que buscam sua preservação.

Apesar de estar em evidência o termo virtual devido à explosão da rede, o sentido de comunidades virtuais são mais antigos, conforme explica Castells (2003) as comunidades on-line tiveram origens similares às dos movimentos undergrounds e dos modos de vida alternativos que despontaram na esteira da década de sessenta (60).

Nesse sentido, apontamos o surgimento e os trabalhos realizados pela Comissão Catarinense de Folclore como uma das principais, comunidades virtuais da Ilha de Santa Catarina em evidência, além de ser considerada como pioneira.

A partir de suas publicações foi possível recuperar documentos referentes à identificação cultural e a preservação de seus conteúdos, em especial dialetos, ditos e falares catarinenses, conforme indica a figura abaixo.



Figura 8: Publicação da análise dos Falares Catarinenses
Fonte: Boletim Catarinense de Folclore

Apesar de tais publicações utilizarem o livro como suporte de documentação, em sua maioria as ações de preservação cultural migraram para a rede (e suportes digitais), pois viram na mesma a oportunidade de criar ecos e atingir um maior número de usuários.

A migração para o ciberespaço é resultado da nova demanda social que através da rede de se conecta ao mundo do conhecimento por acesso remoto e assim se tornando mais exigentes devido às experiências e oportunidades proporcionadas pela rede, conforme explicam Romani e Borszcz (2006).

Além disso, a escolha pela web se traduz pela facilidade de acesso e recuperação da informação desejada, conforme apontam Goulart, Perazzo e Lemos, que creditam o valor de uma informação às suas possibilidades de acesso e uso, devido ao caráter desse novo contexto social que valoriza o rápido, fácil e organizado acesso à informação.

Dessa forma na próxima subseção são apresentados os resultados quanto ao acesso e tipologia dos serviços oferecidos pelos espaços da memória encontrados.

6.4 Tipos de ferramentas utilizadas

Apresentam-se nesta, as ferramentas utilizadas identificados nos 11 *Websites*, definidos como amostra, através de observação dos mesmos em relação aos objetivos da pesquisa.

Quanto ao tipo verificou-se uma distribuição similar, apresentadas no quadro abaixo:

FERRAMENTA	QUANTIDADE
BLOG	05
COMPARTILHADORES	02
MICROBLOG	01
PÁGINA PESSOAL OU INSTITUCIONAL	03
REDES SOCIAIS	01

6.5 Caracterização dos Serviços

Quanto aos serviços disponibilizados, percebe-se que nos 11 websites recuperados, havia uma padronização quanto aos serviços oferecidos e informações disponibilizadas

Quanto às informações recuperadas em websites do tipo Blog:

Açorestube blog: O compartilhador Açorestube, com o objetivo de agregar e disseminar conteúdos da cultura Açoriana na rede faz uso da ferramenta blog para promoção de eventos culturais, manifestações diversas.

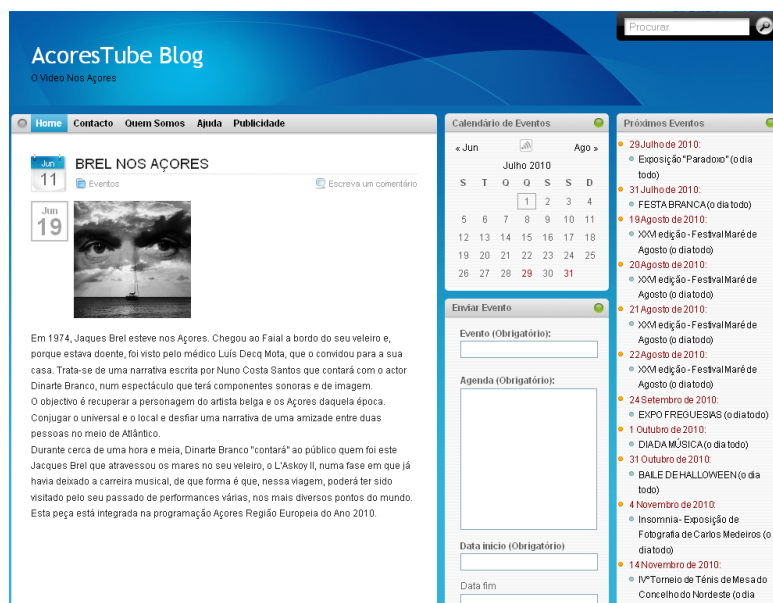


Figura 9: Açorestube Blog
Fonte: Açorestube Blog⁷

O blog Biscoitos (ilustrado pela figura 10), da Freguesia dos Biscoitos, da Ilha Terceira do Arquipélago dos Açores, em seu espaço divulga conteúdos da cultura local, além de outras peculiaridades locais.



Figura 10: Biscoitos blog
Fonte: Biscoitos⁸

⁷ <http://blog.acorestube.com/>

Nesse sentido encontra-se o blog do “Velho Bruxo da Ilha”, que faz uso do seu espaço para através de seu acervo fotográfico disseminar conteúdos da Cultura Açoriana na Ilha de Santa Catarina com o intuito de preservá-la (conforme ilustrado na figura 11).



Figura 11: Blog Velho Bruxo da Ilha
Fonte: Velho Bruxo da ilha⁹

Na mesma direção, encontra-se o Blog do Projeto Homem ao Mar (ilustrado pela figura 12), que visa através de filmes, e documentários conservar e disseminar conteúdos da cultura açoriana em Santa Catarina e no território Brasileiro.

⁸ <http://biscoitos-terceira.blogspot.com/>

⁹ <http://velhobruzo.blogspot.com/>

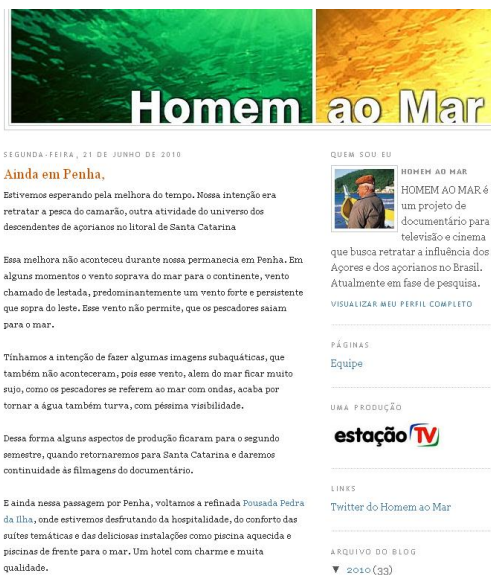


Figura 12: Homem ao Mar
Fonte: Homem ao mar¹⁰

O Dicionário Falar e Falares da Ilha (ALEXANDRE, Fernando, 1994), produzido com o intuito de compreender a cultura e os dialetos da Ilha de Santa Catarina, faz uso de *Websites* do tipo Blog (ilustrado pelas figuras 13, 14 e 15), para disseminar conteúdos dos falares da Ilha, dessa forma divulgando e conservando a fala “Mané”.



Figura 13: Blog Dicionário da Ilha: Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina

¹⁰ <http://homemaomardoc.blogspot.com/>

Fonte: Dicionário da Ilha

00:02:45

"Rap do Manezinho" - só áudio.

POSTADO POR DICCIONARIO ÀS 11:24 0 COMENTÁRIOS

ABRIL 26, 2010

Istepô!



"No final do arrastão, quando milhares de tainhas pulavam nas areias da praia, um rapaz surrupiava algumas tainhas e já se esgueirava entre a multidão que ali estava assistindo à bela cena do triunfo dos manezinhos pescadores, quando foi interpelado por um deles que, largando o balaio na areia, correu e disse-lhe: **Ô, lhó, lhó, rapagi, tás tolo, istepô, intiquento, miserento, digraçado!** A pinta da tua mãe tá cheia de bicho berne! Tás querendouma camassada de pau, só amarelo? Num tó ti parando pelo valor! dastainha, cadiquê tem peixe à migueli, magi pramode di ti dizê pra ti, caquí na Ilha num tem genti da tua pareença não. Sí tás brocado emaleixo, tudu bem é só pidi qui nós dâmu; magi si é a farsafê, e dimalinagi pra engabelar e morcegar nós, qui tamo aqui di sóli-a-sóli nomaló saragaço, ti acarqueto os zóio, ti assico a buçica, ti enfenco amão nas venta e ainda chamo os meganha pra ti alevá!

O rapaz, ainda meio atordoado, pergunta baixinho: 'Meu caro pescador, afinal eu levo ou não levo os peixinhos?'

POSTADO POR DICCIONARIO ÀS 14:46 0 COMENTÁRIOS

"Este pequeno dicionário com os falares da Ilha de Santa Catarina surgiu de duas necessidades. A primeira delas de entender um pouco mais a alma deste povo alegre, desconfiado, ingenuamente irreverente e colorido como sua ilha. A segunda, de esvaziar uma gaveta cheia de palavras que fui acumulando durante os anos em que aqui vivi e vivo. Da primeira edição lançada na primavera de 1994 com 1374 verbetes até esta que estamos lançando agora, passaram-se 21 edições e 25 mil exemplares. Nestes nove anos, apesar de ter feito três atualizações e do número de verbetes ter praticamente dobrado, o dicionário continua como surgiu: incompleto e impreciso, perecível e precário. Como todo dicionário. Talvez até irresponsável, pelo fato de não ser linguísta e muito menos lexicólogo, e ter optado por fazer um trabalho não acadêmico, onde a oralidade e o jeito de falar fossem mais importantes que a grafia. Uma tentativa de escrever pela boca, onde os sons fossem mais importantes que as letras. Enfim, uma forma livre de juntar palavras que estavam soltas na literatura, nas ruas, shoppings, bares, praias e costões ou mesmo perdidas em alguma ilha deserta da memória.

Figura 14: Blog Dicionário da Ilha: Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina
Fonte: Dicionário da Ilha



ACARQUETAR - Apertar, enrgurmar. Ex: "Te acarqueto os óio!".
AJOJADO - Quietos, com preguiça, encolhido.
A PINTA DA MÃE TÁ ARROMBADA! - Expressão utilizada para xingar e ofender a mãe alheia.
BESTUNTO - Pessoa estúpida, com cabeça de pouco alcance.
BISPÁ - Vigiar, prestar atenção, ficar atento.
CAGALUMES - Vaga-lumes.
CASA DE INSTANTINHO - Motel.
DE SÓLI PARIDO A SÓLI MURRIDO - Durante todo o dia.

Figura 15: Blog Dicionário da Ilha: Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina
Fonte: Dicionário da Ilha¹¹

¹¹ <http://dicionariodailha.blogspot.com/>

Quanto às informações recuperadas em ferramentas do tipo Compartilhador

O compartilhador Açorestube surge na mesma plataforma do Youtube, com o objetivo de agregar e disseminar conteúdos da cultura Açoriana na rede, através de vídeos, conforme ilustrado pelas figuras 16 e 17.

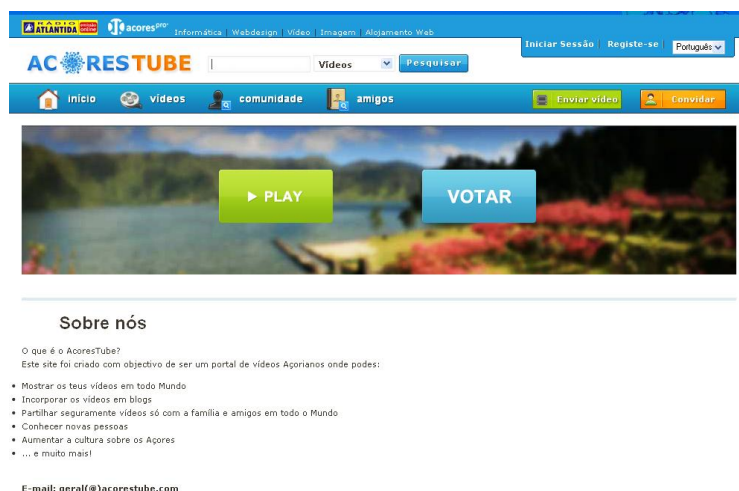


Figura 16: Açorestube
Fonte: Açorestube



Figura 17: Vídeo da Festa do Divino Espírito Santo
Fonte: Açorestube¹²

Conforme citado em outras seções, o compartilhador Youtube disponibiliza em sua base de dados, conteúdos diversos, dentre eles Músicas populares, como

¹² <http://www.acorestube.com/>

a “Marchinha do Mané” contendo referências dos falares ilhéu da Ilha de Santa Catarina, referindo-se ao sujeito ilhéu como Manezinho, conforme apresentado pela figura 18.



Figura 18: Vídeo da Marchinha do Mané de André Calibrina
Fonte: Youtube¹³

Quanto às informações recuperadas em *Websites* do tipo Microblog

O projeto Homem ao Mar, citado nessa seção, além de fazer uso da ferramenta blog, dentro do microblog Twitter, possui um perfil, no qual disponibiliza informações dos locais e dos costumes culturais que está em contato, conforme ilustra a figura 19.

¹³ <http://www.youtube.com/>



Figura 19: Microblog e perfil do projeto Homem ao Mar no Twitter
Fonte: Twitter¹⁴

Quanto às informações recuperadas em *Websites* do tipo Página Pessoal e Institucional:

Página pessoal do Portal Cultural do Manezinho da Ilha, fazendo referência aos “falares” do sujeito ilhéu, apresentando a Cultura, Costumes e Tradições da Ilha de Santa Catarina conforme ilustrado na imagem (figura 20) a seguir:

¹⁴ <http://twitter.com/homemaomar>



Figura 20: Portal Cultural do Manezinho da Ilha
Fonte: O Manezinho da Ilha¹⁵

Com o mesmo caráter de Portal Cultural, encontra-se o Portal Comunidades Açorianas (ilustrado pela figura 21), que agrega todas as comunidades de origem açoriana, englobando a disseminação de conteúdos históricos, culturais, lingüísticos, dentre outros.

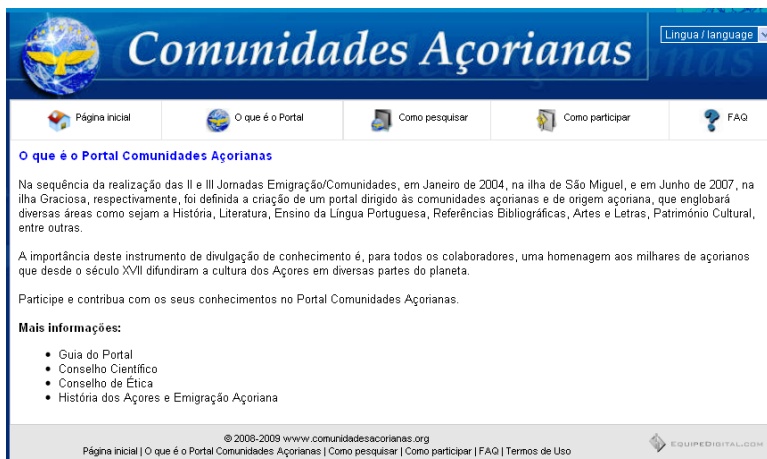


Figura 21: Portal Comunidades Açorianas
Fonte: Comunidades Açorianas¹⁶

¹⁵ www.manezinhodailha.com.br/index.htm

Nesse sentido, de disseminação, conservação e preservação de conteúdos da cultura Açoriana na Ilha de Santa Catarina, aparece o site do Velho Bruxo da Ilha, fazendo uso de sua página pessoal, vinculada a Universidade Federal de Santa Catarina, em que o mesmo disponibiliza um rico e diversificado acervo, apresentando fotografias, materiais de referência, manifestações artísticas, dentre outros, conforme ilustram as imagens 22, 23, 24 e 25.

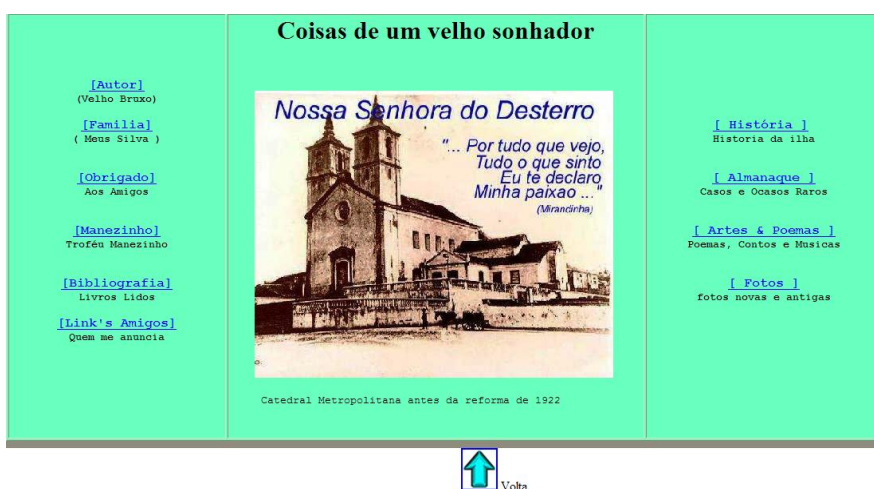


Figura 22: Página Inicial do site Velho Bruxo da Ilha
Fonte: O Velho Bruxo da Ilha



Figura 23: Seção de Músicas e Poemas
Fonte: O Velho Bruxo da Ilha

¹⁶ <http://www.comunidadesacorianas.org/>



Figura 24: Seção de Casos e Ocasos
Fonte: O Velho Bruxo da Ilha

[A](#) : [B](#) : [C](#) : [D](#) : [E](#) : [F](#) : [G](#) : [I](#) : [J](#) : [L](#) : [M](#) : [N](#) : [O](#) : [P](#) : [Q](#) : [R](#) : [S](#) : [T](#) :
[V](#) : [Z](#) : [sai](#)

Pequeno dicionário de Manezes

Mofas Com a Pomba na Balaia

A toda - com velocidade
 A três por dois - com frequência
 Abaixar a crista - acalmar-se, acovardar-se
 Abobado - pessoa tola
 Abusar - importunar
 Acachapado - doente, triste
 Acicar - estimular o cachorro a atacar
 Acrocado - sentado sobre os calcanhares
 Advinha d'alho - molho a base de vinagre e condimentos para peixe ou carne
 Afinar - chorar ate perder a respiração
 Afontado - agonizado
 Água de barrrela - café fraco sem gosto
 Aguaceiro - chuva forte e rápida
 Aleivo - mentira defamação
 Alguidar - bacia de barro para lavar louça e colocar comida
 Almãe ou ãomãe - usado no lugar de mamãe
 Aluado - distraído
 Amarelo - pessoa sem importância (sai pra lá seu amarelo)
 Antanho - antigamente
 Antonte - anteontem
 Aparado - cafezinho
 Aparença - assombração, alma penada
 Apartado - separado (ele é um homem apartado)
 Ariado - bem limpo, brilhando
 Arremedar - imitar
 As brinca - o que não vale nada
 Asseado - limpo de banho tomado
 Assistida - menstruada
 Atochar - encher alguém de desaforo
 Atolesmado - tolo abobado
 Avacalhar - esculhambar
 Avoadado - que vive no mundo da lua

Figura 25: Pequeno Dicionário de Manezes
Fonte: O Velho Bruxo da Ilha¹⁷

¹⁷ <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Entrada.html>

Quanto às informações recuperadas em websites do tipo Redes Sociais

As redes sociais apresentam comunidades virtuais de relacionamentos e interesses em seu contexto.

Nesse sentido, foi possível recuperar dentro da rede social Orkut, três (3) comunidades (ilustradas pelas figuras 26, 27 e 28) relacionadas ao objeto de estudo.

Sendo as comunidades:

Mané da Ilha;

Mofas com a pomba na balaia;

Açores em Santa Catarina;



Figura 26: Comunidade virtual Mané Ilha da rede social Orkut

Fonte: Orkut



Figura 27: Comunidade virtual Mané Ilha da rede social Orkut

Fonte: Orkut



Figura 28: Comunidade virtual Mané Ilha da rede social Orkut

Fonte: Orkut¹⁸

As comunidades recuperadas apresentam similaridade quanto ao conteúdo, ou finalidade. Os conteúdos apresentados desde o título, como por exemplo, “mofas com a pomba na balaia”¹⁹, exibem uma preocupação com a preservação de dialetos e falares da Ilha de Santa Catarina, sempre fazendo referência aos

¹⁸ <http://www.orkut.com.br>

mesmos. Além de exibir um panorama histórico sobre a colonização dos Açores na Ilha e no estado de Santa Catarina.

Conclui-se parcialmente que o uso de ferramentas tecnológicas, com o intuito da promoção de bens e patrimônios culturais, resultando na sua preservação apresenta mais benefícios, que o esperado.

O alcance e a interatividade de novos usuários aumentam devido às muitas possibilidades de ferramentas para informá-los através do acesso remoto.

Dessa forma possibilitando a conquista dos usuários da nova geração, tendo como resultado a conservação e preservação do patrimônio cultural.

As ferramentas oferecidas pela web apresentam praticidade, eficiência, agilidade e, maior visibilidade, no que diz respeito à disseminação da informação, em seu contexto, o que surge como alternativa para satisfazer as necessidades dos novos usuários.

6.7 Quanto aos resultados das entrevistas

Após verificar as formas de preservação no cenário da rede, se fez necessário a busca por referências, orais, através de entrevistas, utilizando o método de história de vida, e quando necessário rodas de diálogo.

O fato de utilizar fontes de informação oral, através de entrevista se deu devido à intangibilidade da informação recuperada na rede.

Ao fazer entrevistas de história de vida utilizando pessoas que tem relação com o objeto de estudo e, suscitando a memória do entrevistado, os resultados serão diferenciados, pois estará sendo lidado com a memória individual. Assim o entrevistado colocará o entrevistador a par dos fatos estudados, de acordo com o seu ponto de vista.

6.8 Caracterização da população

Conforme discutido em seções anteriores, a população a ser entrevistada não necessariamente está ligada a quantificação dos dados e entrevistados obtidos, mas sim da aproximação do usuário com o tema de estudo.

Alberti (2004) explica que o número de entrevistados pode até se restringir a uma única pessoa, se seu depoimento estiver sendo tomado como contraponto e complemento de outras fontes e for suficientemente significativo para figurar como investimento de história oral isolado no conjunto da pesquisa.

Dessa forma para projetos que envolvam o uso de técnicas de história, um grande número de entrevistados não se faz necessário.

Nesse caso, quanto à origem dos entrevistados, buscou-se direcionar para uma das comunidades mais antigas e dessa forma, uma das mais tradicionais da Ilha de Santa Catarina, a Freguesia do Ribeirão da Ilha.

A escolha da população se deu pela relevância que a mesma possui dentro da temática estudada. Devido à precariedade de estradas, e meios de transporte, a comunidade encontrada na zona sul da Ilha, ficou isolada por muito tempo, com características rurais, dessa forma preservando suas origens, e costumes.

Dentro dessa comunidade buscou-se encontrar fontes que fornecessem subsídios para pesquisa. Delimitando uma linha temporal em que fosse possível verificar as formas de preservação e disseminação dos conteúdos culturais, com as constantes evoluções sociais.

Dessa forma, foram entrevistados membros que mesmo nascidos na comunidade, tivessem saído por algum motivo da mesma, e se inseriram no meio urbano.

6.9 Quanto à visão dos membros sobre o Mané da Ilha

A comparação apresenta uma mudança de perfil entre os membros e as gerações, apesar da atual identificação. Na visão de membros mais antigos e tradicionais, que a caracterizam como um movimento de moda, quase como algo forçado, em comparação com os traços e modos de vida do Mané antigo que era tido como um indivíduo sem instrução e, portanto motivo de ofensa.

Conforme apontado pelo entrevistado quando o mesmo diz

“Ih o manezinho, olha o manezinho lá do ribeirão. Poxa aquilo maltratava, mas era da forma como era colocado, como você era tratado pejorativamente

Percebe-se uma mudança de comportamento com relação ao “ser Mané”, surgindo um sujeito híbrido bombardeado de informações culturais diversas.

A comparação entre gerações permitiu uma visualização desse paradigma quebrado, quanto à identificação de Mané da Ilha, no cenário atual.

Verifica-se essa mudança de papel na fala do entrevistado quando o mesmo sugere que os verdadeiros Manés da Ilha, os quais eram chamados de Manezinhos do Ribeirão, estão em extinção, atribuindo tal evento ao fator “Guga”.

Então a gente, o ribeirão tinha as dificuldades como acabei de dizer, e estudar no centro da cidade, embora todos nós fossemos Mané, mas o sul da ilha do interior era mais mané ainda, no centro da cidade era o Mané elitizado, e não era admitido ser chamado de mané, isso não ocorria. O manezinho éramos nós lá e o sentido era pejorativo, era alguma coisa que deprimia a gente, eu muitas vezes me senti humilhado por chamado de mané. Veja só. Nós mesmos estávamos tripudiando sobre nós, o ilhéu vamos dizer assim, isso deprimia, mas com o tempo a gente foi absorvendo isso e no exemplo mais recente o Guga que foi o grande mané que andou por esse Brasil com a capacidade do ténis né, e aí reforçou a condição do mané.

6.10 Quanto aos falares açorianos do Mané da Ilha

Apesar de ter verificado uma mudança de perfil enquanto a questão de afirmação do ser mané, a questão dos falares, dialetos comuns do sujeito ilhéu de Florianópolis, constatou-se que o mesmo está interligado com o ato de afirmação do ser mané.

A fala do indivíduo oriundo da região Sul da Ilha de Catarina era considerada como de um indivíduo sem instrução, o chamado Manezinho do Ribeirão da Ilha, apesar do que apresenta o cenário atual com a afirmação de tais falares, a questão da fala sofreu preconceitos, perseguições, conforme apontado na fala do entrevistado:

a questão da fala né, eu acabei perdendo um pouco a questão da fala era tão pejorativo falar “ólhólhó”, “po tu caminhaste um eito”, e coisas assim. E a gente foi corrigindo isso né, procurando falar um português um pouco melhor, escrever um pouco melhor né, e por um determinado momento nos afastamos dessas expressões ólhólhó não. Hoje a gente fala e bate no peito que ta falando pra qualquer “alienígena”, bate no peito óióióió mão, e é muito bem ressaltada essa forma de falar. Mudou. A gente era reprimido disso aí e era espontâneo.

Verifica-se tanto na fala do mesmo, quanto através de observação um contraste no que tange aos membros mais antigos e a questão fala, e os movimentos culturais atuais que atribuem à fala, uma riqueza cultural.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se, a partir dos resultados obtidos a importância da preservação da memória, e da visualização e acesso a cultura e patrimônio cultural, para a construção de uma sociedade ativa. Através da observação de tais aspectos, demonstra-se que a perda de conteúdos culturais, seja ela popular ou não é uma crescente no cenário atual, mesmo com iniciativas de difusão através da web e outros meios de comunicação e disseminação.

Dessa forma a pesquisa possibilitou demonstrar o uso de ferramentas tecnológicas para a promoção e preservação de bens culturais, visando atingir um novo público que se insere no cenário atual como ciber-usuário.

Vale destacar a importância da interdisciplinaridade adotada para o desenvolvimento e construção dessa pesquisa, que ampliou as leituras e possibilitou o entendimento e compreensão da evolução social e tecnológica para dessa forma buscar ferramentas e abordagens metodológicas para alcançar os resultados apresentados.

Tais abordagens visaram fornecer subsídios para alcançar o almejo da pesquisa. Portanto os procedimentos adotados buscaram responder a questão inicial que norteou os objetivos do problema da pesquisa, isto é, “Como são preservados e disseminados os conteúdos que possibilitam a identificação cultural na ilha de Santa Catarina?”. Tendo em vista os aspectos observados, constatou-se um movimento de preservação dos conteúdos embutidos na fala, e do sentimento de pertencimento local.

Os resultados apontam um uso expressivo dos conteúdos dos falares, que demonstram a existência da preocupação da preservação e disseminação da informação cultural da fala local, através de dialetos, músicas, poesias, manifestações culturais e artísticas diversas, apresentando no cenário atual o uso de ferramentas da Web como principal meio de difusão de tais manifestações.

O levantamento realizado possibilitou a visualização dos costumes culturais do sujeito ilhéu moderno em comparação com o local de origem de seus

colonizadores. Estes se apresentam como resultados de fatores econômicos, sociais e culturais que tiveram impacto sobre a ilha de Santa Catarina.

Quanto ao papel do bibliotecário, seja ele tradicional ou 2.0 percebe-se que mais que a nomenclatura, a apropriação de novas ferramentas, tecnologias, e conhecimentos no contexto de sua atuação apresentam-se não mais como tendências evolutivas, mas sim como ferramentas necessárias para os mesmos desenvolverem seus produtos e serviços.

No que tange a interdisciplinaridade, a mesma se insere nesse contexto como ferramenta colaborativa que propicia uma reflexão dos conhecimentos adquiridos e de novos conhecimentos a serem buscados, nesse sentido apresentando a Biblioteconomia ora como ciência auxiliar, e ora buscando em outras ciências subsídios e novos conhecimentos.

As unidades de informação, lugares da memória, devem promover iniciativas, seja de ação cultural ou fomentando a pesquisa, para através de incentivos contribuir com o acesso à informação e a construção do conhecimento, pois, dessa forma desempenham uma de suas funções auxiliando e contribuindo para a construção da cidadania e comunidades atuantes.

Conclui-se que a Biblioteconomia ao longo de sua criação, esteve acompanhando o avanço social e tecnológico, uma vez que suas técnicas, conhecimentos e unidades de atuação sempre estiveram ligadas a atividade intelectual do homem. Portanto espera-se com a pesquisa incentivar e contribuir para que análises reflexivas, quanto a engendrar novos conhecimentos, fazer uso dos mesmos e de ferramentas e tecnologias sejam efetuadas, de forma que os bibliotecários estejam sempre inovando seu papel e conhecimento para benefício de seus usuários, visando à construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Marco Antônio de. **A gaiola de chips: apontamentos sobre tecnologia, sociabilidade e cultura na sociedade da informação**. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2005_v11_n1/1_gaioladoschips.pdf>. Acesso em: 15 maio 2009.

ALMEIDA, Marco Antônio de. A cada leitor o seu texto: dos livros às redes. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Edição Especial - primeiro semestre 2009: Pesquisas em Ciência da Informação no Brasil e no Canadá. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/11071/10560>. Acesso em: 15 mar 2010.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. **Do patrimônio cultural e seus significados**. Disponível em: <<http://revistas.puc-ampinas.edu.br/transinfo/include/getdoc.php?id=200&article=63&mode=pdf>>. Acessado em: 20 maio 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR6024**: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR6027**: sumário. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR6028**: informação e documentação: resumos - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR10520**: informação e documentação - citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR14724:** informação e documentação – trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **NBR15287:** informação e documentação – projeto de pesquisa - apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004

ADAMI, Antonio; BOLL, Armindo; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. **Proposição para o uso da metodologia da história oral na pesquisa em folkcomunicação**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/revista%20folkcom/Revista3.pdf>. Acesso em 9 mai 2010

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 6. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. 315 p.

BOLL, Armindo; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. **A metodologia da história oral aplicada na pesquisa folkcomunicacional para apreender os métodos de transmissão dos “saberes” dos (as) figureiros (as) de Taubaté**. Disponível: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/70/GT1_02_ArmandoBolleMarc elounitau.pdf>. Acesso em: 15 mai 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2, n. 1 (3), jan/jul 2005, p. 68-80. Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf. Acesso em: 15 mar 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 5. ed Petrópolis: Vozes, 2003

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6. ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. **Pesquisa Qualitativa e o método da história oral: aspectos conceituais**. Acta Paul, v.12, n.3, set/dez 2000. Disponível em: http://www.unifesp.br/denf/acta/2000/13_3/pdf/art10.pdf. Acesso em: 05 mai 2010

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **As cinco leis da Biblioteconomia e o exercício profissional**. Rio de Janeiro, 1999. 10p. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitl/mluiza/index.htm>>. Acesso em: 09 out 2009

CASSAB, Latif A. **História oral: miúdas considerações para a pesquisa em serviço social**. Serviço social em revista, v. 5, n. 2, jan/jun 2003. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm. Acesso em: 07 mai 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1). 617 p.

_____. **A galáxia da internet**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

CIVALLERO, Edgardo. **Traditional games, music and oral tradition: intangible tools in multicultural libraries**. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/10949/>. Acesso em: 11 maio 2009

C.H. **Preservação dos falares e costumes açorianos no ribeirão da Ilha**. [mar. 2010]. Entrevistador: Daniel Xavier Garcia. Florianópolis, 2010. Entrevista concedida para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

DIAS, Claudia. **Pesquisa qualitativa – características gerais e referências**. Disponível em: <http://www.dfi.ccet.ufms.br/prrosa/metodologia/qualitativa.pdf>. Acesso em 20 out 2009.

FERNANDES , Glaucio Vieira. "**Reterritorialização**" **Da Cultura Sertaneja Em Luiz Gonzaga**. Cadernos de Cultura e Ciência, 2008, vol. 3, n.1. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/14386/1/ArtigoGlaucioVieira.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2009.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. **Memória eletrônica e desterritorialização**. Política & Sociedade, v. 4, p.137-166, abr. 2004

FERREIRA, Sérgio Luiz. **Nós não somos de origem**: populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do Sul do Brasil (1780 - 1960). 2006. 261 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0272.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2009.

FIGUEIREDO, Nébia M. A. de (ORG). **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. 3. ed. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. 239 p.

FLUSSER, Victor. **A biblioteca como um instrumento de ação cultural**. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/?artigo,759>>. Acesso em: 20 maio 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro**. Disponível em:

<[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/textos/garnica%2005\(CIBEM\).doc](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/textos/garnica%2005(CIBEM).doc)>.
Acesso em 18 mai 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 171 p.

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. **Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 153-166, jan/jun 2005. Disponível em:
http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2005_v11_n1/9_memoriaecidadania.pdf.
Acesso em: 05 mai 2010.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, n. 2, v. 22, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Ago 2009

GUNTHER, H. (Org.). **Planejamento de pesquisa para as Ciências Sociais**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1999.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memoria**. 5 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003

LÉVY, Pierre. **A máquina universo**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **O que é o virtual**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Os senhores da memória e do esquecimento**. *Transinformação*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 1-6, jan/abr. 1998.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000

MILANESI, Luis. **A casa da invenção.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira . **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004

MIRANDA, Antonio. **Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos.** Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, Aug. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/257/224>>. Acesso em: 30 mai 2009.

_____. **Conteúdos e identidade cultural na sociedade da informação: visão brasileira.** Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/iden_SOCINFO.pdf. Acesso em 17 mai 2009.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, memória e esquecimento. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.9, n.6, dez 08. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez08/Art_02.htm. Acesso em: 20 jan 2010.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>. Acesso em: 20 jan 2010.

MONTEIRO, Vânia. **De Portugal ao Brasil: açorianos em Florianópolis.** Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=87&idioma=PT>. Acesso em 18 mai 2010

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. **Um encontro com as fontes em história oral.** Estudos Ibero-Americanos, vol. 32, n 1, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1304>. Acesso em: 02 jun 2010.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. **A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88/47>>. Acesso em: 18 maio 2009.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. Ponto de Acesso, Salvador, v.3 n.3, p. 216-239, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3613/2745>>. Acesso em: 22 jan. 2010

OLIVEIRA NETTO, Alvim A. de. **Metodologia da pesquisa científica**: guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Visual books, 2006

PEREIRA, Nereu do Vale; PEREIRA, Francisco do Vale; SILVA NETO, Waldemar Joaquim da. **Ribeirão da ilha - vida e retratos**: um distrito em destaque. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de santa catarina**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1988.

PIAZZA, Walter F; LEITE, Mara de Fátima; LOMBARDI, Ivete. **Os catarinas**: terra e gente. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 2002.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação**. Informação & Sociedade: Estudos, v.15, n.1, 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

Rodrigues Filho, Ison Wilmar. **Dicionário de Regionalismos da Ilha de Santa Catarina (e arredores)**, Florianópolis: Lunardelli, Fundação Franklin Cascaes, 1996. 144p.

ROMANI, C.; BORSZCZ, I. (Orgs.). **Unidades de Informação**: conceitos e competências. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. 133 p.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 144p.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DPGA, 2000.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da Informação: origem, evolução e relações**. Perspec. Ci. Inf., v.1, n.1, p.41-62, jan./jun.1996.

SAYÃO, Thiago Juliano. Nas veredas do folclore: leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975). Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado). Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

SILVA, Fernando A. Guimarães. **Dicionário da Ilha: falar e falares da ilha de santa catarina**, Florianópolis, Editora Cobra Coralina, 1994.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. **Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel**. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/?artigo,4044>. Acesso em: 30 maio 2009.

SILVA, Tatiana Cristina da. **Centro Histórico de São José (SC)**: Patrimônio e memória urbana. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0330-D.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2009.

SOARES, Iaponan (Org.). **Santo Antônio de Lisboa: vida e memória**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://www.itsbrasil.org.br/pages/23/livro_verde.pdf>. Acesso em: 10 set. 2009.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação, social e enquete operária**. 5 ed. São Paulo: Polis, 1987. 270 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. . **Introdução a pesquisa em ciencias sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – a ilha**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em: 12 set 2009

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM (W3C). **Sobre a W3C**. Cambridge, 2008. Disponível em: <<http://www.w3.org/Consortium/>>. Acesso em: 12 mai 2010.

APÊNDICE A – SERVIÇOS WEB 2.0 CONSULTADOS

Açorestube – Compartilhador – www.acorestube.com

Biscoitos – Blog - <http://biscoitos-terceira.blogspot.com/>

Blog do “Mané” – Blog - <http://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/blog.html>

Comunidades Açorianas – Página da web -

<http://www.comunidadesacorianas.org/>

Facebook – Rede Social - <http://www.facebook.com/>

Homem ao mar – Blog - <http://homemaomardoc.blogspot.com/>

Manezinho da Ilha – Página Pessoal - <http://www.manezinhodailha.com.br/>

Orkut – Rede Social – <http://www.orkut.com.br>

Twitter – Microblog - <https://twitter.com>

Velho Bruxo – Página Pessoal- <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Entrada.html>

Youtube – Compartilhador - <http://www.youtube.com/>

APÊNDICE B – ENTREVISTA

O trecho a seguir apresenta o relato da entrevista feita, utilizando a história de vida como abordagem, os fatos foram narrados por um Senhor de 64 anos, coronel aposentado da Polícia militar de Florianópolis, que por questões de sigilo não terá sua identidade revelada.

Bom daniel eu tenho 64 anos e nasci aqui na ilha especificamente no Ribeirão da Ilha, e uma certa história de vida, uma trajetória difícil.

Por que você imagina 64 anos, ou seja, em 45 o ano do meu nascimento em 45 lá no ribeirão na freguesia onde você, vim pra cidade era difícil.

Você tinha 1 ônibus de transporte coletivo pela manhã, vinha pra Florianópolis ele retornava ao meio dia voltava a Florianópolis às 13h e depois voltava ao ribeirão às 5, 6 horas.

Isso ai era a disponibilidade q tinha naquela época.

Então muitas coisas que se quisesse fazer, até estudar em Florianópolis era complicado dada essa deficiência de transporte,

Vamos dizer assim não é,

Nós vínhamos à Florianópolis para adquirir pra comprar alguma coisa né, e não era com frequência a gente vinha a Florianópolis em uma época que antecedia algum festejo da localidade, da Nossa senhora da lapa, a padroeira lá do ribeirão da ilha né,

Uma festa significativa né, pros católicos

Então, aquilo ali se fazia vim com os pais pra comprar roupa pra fazer estréia no dia da festa né, veja como era interessante isso

Então era complicado

Os meus pais adquiriram numa certa época um veiculo ford, mas era um carro antigo, né

Que tinha ainda os bancos tipo uma caminhonete, uns bancos de madeira laterais, um baita de um motor né

E a gente aí passou a vim a Florianópolis, a ter uma facilidade maior

Mas isso pouco mais tarde, eu já era meio grandinho

Mas eu posso dizer o seguinte, nós eu e um primo meu fomos os pioneiros a estudar em Florianópolis, estudar no colégio catarinense

Nós saímos de lá do ribeirão de bicicleta ali pelas, foram 2 períodos

Nós saímos pela manhã praticamente de madrugada

Veja só, nós saíamos 5 da manhã de bicicleta, vínhamos até a base aérea lá por dentro, era uma estradinha para uma bicicleta, se viesse outra em direção oposta ou outra tinha que parar

Veja que dificuldade

E lá a gente apanhava um ônibus da base aérea que foi permitido usar o onibus pra ir até o centro estudar, isso foi uma fase ainda de ginásio, no catarinense, depois passamos no pro instituto a estudar a noite

Ai nós vínhamos de bicicleta até a costeira do pirajubaé,

Era complicado e retornava às 11 da noite e chegava em casa a uma da manhã, muitas vezes com fome, muitas vezes não todo dia com fome, a vida era difícil existia uma certa pobreza na família

Mas o teu propósito qual é? O teu propósito é exatamente ter uma situação diferente daquilo que você vivia lá e daquelas pessoas q você conhecia lá a teu redor, teus vizinhos, teus amigos q não vieram a estudar

Então nossa perspectiva era realmente subir na vida através do estudo da capacidade, e assim agente desenvolveu

O aspecto do ribeirão sempre foi muito lindo, ainda tenho saudade apesar da dificuldade daquela época

A estrada era de barro, né

As casas eram como tem muitas lá junto das outras mais pro alto ribeirão ela tem um formação diferente são casas mais separadas

Então, aquelas famílias viviam muito próximas eu lembro bem que quando o café da tarde saia numa casa do vizinho àquela mãe geralmente ou uma pessoa

da família a criança ou o filho que estava um pouco distante pra tomar o café e gritava fulano vem tomar café

Mas aquele cheiro de café bem purinho exalava por toda uma área então uma coisa muito agradável

Então a gente, o ribeirão tinha as dificuldades como acabei de dizer, e estudar no centro da cidade, embora todos nós fossemos Mané, mas o sul da ilha do interior era mais mané ainda, no centro da cidade era o Mané elitizado, e não era admitido ser chamado de mané, isso não ocorria

O manezinho éramos nós lá e o sentido era pejorativo, era alguma coisa que deprimia a gente, eu muitas vezes me senti humilhado por chamado de mané

Veja só

Nós mesmos estávamos tripudiando sobre nós, o ilhéu vamos dizer assim, isso deprimia, mas com o tempo a gente foi absorvendo isso e no exemplo mais recente o Guga que foi o grande mané que andou por esse Brasil com a capacidade do tênis né, e aí reforçou a condição do mané

Depois saíram as expressões saíram os dicionários foram coletadas, e hoje é um orgulho né,

Dizer que somos mané satisfação grande

Então tá

Eu saí de lá com 19 anos, até aí eu tava meio por casa tentando emprego, difícil na época, e me submeti a exame de seleção na polícia militar com 19 anos na academia, fui selecionado, ou seja, passei no exame

Fiz 4 anos de academia da polícia militar regime interno

Regime na época muito severo porque a polícia militar tinha tendências no exercício de sua atividade muito mais de ostensividade de exército do que polícia

Polícia preventiva, a polícia que é hoje que está e deve estar com a comunidade

Nós fomos praticamente educados como força auxiliar reserva do exército né

Saímos de lá praticamente com essa formação, de policia muito pouco no nosso currículo, evidentemente q as coisas foram se aprimorando né

A policia foi criando realmente seu objetivo, definindo sua missão, suas metas, e ai a gente com os cursos realizados internamente se tornou profissional eu cheguei ao posto de coronel com luta, estive em luta com bandido e levei tiro na perna não morri por sorte, mas faz parte e nós ai nessa época ainda havia uma certa gozação com o mané do ribeirão

Adquirindo essa situação, como aluno oficial, ou cadete condição de estudante da academia, nós apresentávamos lá no ribeirão, éramos olhados de uma forma diferente, sempre fardados, aquela espadinha, uma farda bonita, aquilo é muito chamativo

Então

Nós já éramos visto de outra forma, um salário de aluno, mas éramos do ribeirão

E pouca gente até pela dificuldade,

Eu sai de lá e vim me submeter a um regime interno, eu dormia no quartel durante a semana e fim de semana quando não de serviço ia até em casa, já no domingo a noite retornava, depois começou a ter umas namoradinhas e ia em casa com menor freqüência, né

E,

Mas a vida foi assim

A questão financeira lógico, que não tinha nada de repente já tem um salário, já ta começando a ter um salário, já paga seu estudo já compra uma coisa já da um presente, até uma formatura 4 anos depois em 78 quando a gente se formou, formamos um grupo e, passa a ser um aspirante né, a oficial e, paga um salário melhor ai já tem um certo equilíbrio começa a construir sua vida pessoal já pensa em namorar mais sério

Mais tarde como primeiro tenente. ou seja uns 2 anos depois de formado eu vim a casar, com 24 anos casei tive 3 filhos, nesse tempo de casado estou casado até hoje

O que a gente pode dizer a respeito lá do canto da ilha pra cá, o que lamento hoje é que a ilha de Santa Catarina ela foi muito invadida, ela passou a ter uma ocupação além de toda desordenada, ocupação de espaços de forma irregular, muitas culturas, até a própria gaucha.

O gaúcho de Porto Alegre é açoriano, mas tem uma tradição muito forte né, o gaúcho, até mais vindo do interior gaúcho, e até mesmo o de Porto Alegre recebeu essa tradição, e eles passaram a vim a Florianópolis, ocupar as praias e fixar residências

E agora mais recentemente paulistas paranaenses e até do nordeste tem bastante gente aqui, isso gera uma preocupação, porque Florianópolis tem suas limitações como ilha, tem sua dificuldade

Eu vejo a cidade como de superfícies, mas não vamos entrar no mérito

Como nós acabamos de constatar na França, Portugal, em Lyon na França que me lembrou Florianópolis uma maravilha aquilo flui naturalmente, não como nosso sistema viário que é reprimido com a quantidade exagerada de veículos

Um espaço que do lado é morro e do outro é mar, sobram algumas avenidas, ruas, que tentam permitir esse fluxo todo daqui pra lá

Haja vista as praias, eu e minha família por ser exatamente do ribeirão temos uma satisfação muito grande em ir à praia no verão e até aguardava,

Ó o verão tá se aproximando então nós íamos à praia em família, levávamos as crianças, nossos alimentos as nossas bebidas nos instalávamos lá entre pedras e barracas e passávamos lá um dia extraordinário

Hoje em dia não se faz mais isso, lamentavelmente não tem mais esse espaço, é uma ocupação exagerada, eu me retraí nesse aspecto

Hoje eu tenho uma pequena piscina em casa e passo o verão lá, passo a ir na Lagoa da Conceição e no ribeirão depois da temporada, lamentavelmente nós perdemos isso, ora

É um crescimento infelizmente, que esperávamos que fosse melhor organizado mas não é

O ribeirão hoje, aquilo q na minha época de criança quando mais jovem que se tinha de tranqüilidade e paz onde eram pessoas conhecidas além de que predominava a família

Isso gerava muita tranqüilidade e segurança, hoje não é mais assim

Hoje o ribeirão também sofre as conseqüências da ocupação através de indivíduos de má índole, de marginais

Não tem mais

Em toda a ilha é claro, "veio o joio e veio o trigo né"

A gente lamenta muito, e a força de repressão e os órgãos de segurança publica tem muita dificuldade, já existia na minha época e continua com mais intensidade

Não quero dizer que aqui a violência seja praticada apenas por pessoas de fora, mas também por pessoas do estado, do interior do estado, pessoas que viram na capital um lugar pra talvez viver melhor, mas vieram digamos com uma mão atrás e outra na frente e se instalaram na dificuldade

A família desestrutura a família, mas creio q isso seja o contexto brasileiro

Eu conheci uma cidadezinha no sul da frança em q não tem polícia, a policia passa uma vez por semana, agente da armeria passa uma vez, veja o nível da cidade e seus moradores praticamente não tem crime

A gente ate poderia sonhar com isso aqui, mas uma mudança radical teria de ocorrer por aqui, somos um país novo em relação à Europa que cresceu dentro das dificuldades e nós precisamos crescer também solucionando essas questões, senão onde nós vamos ver na verdade um país que embora novo seja um país de maneira que possa viver com sua família, com oportunidade de emprego, educação saúde, segurança né

Esses aspectos são sempre debatidos

E no ribeirão por ser o ribeirão a questão da fala né, eu acabei perdendo um pouco a questão da fala era tão pejorativo falar "ólhólhó", "po tu caminhaste um eito", e coisas assim

E a gente foi corrigindo isso né, procurando falar um português um pouco melhor, escrever um pouco melhor né, e por um determinado momento nos afastamos dessas expressões ólhólhó não

Hoje a gente fala e bate no peito que ta falando pra qualquer “alienígena”, bate no peito óióióió não, e é muito bem ressaltada essa forma de falar

Mudou

A gente era reprimido disso aí e era espontâneo

Ih o manezinho, olha o manezinho lá do ribeirão

Poxa aquilo maltratava, mas era da forma como era colocado, como você era tratado pejorativamente

Então a cidade cresceu o ribeirão ta recebendo asfalto agora, depois de um longo tempo, calçamento lá no paralelepípedo cheio de lombadas, ta melhorando agora com o asfalto isso dá um pouco mais de agilidade para chegar lá só não dá mais por que é um tanto movimentado lá

Com o tanto de automóveis temos momentos de pico, tudo passa pela dificuldade da seta um ponto de estrangulamento que o governo ta procurando resolver com um elevado que vai pro grande estádio do Avaí, uma coisa que nos alegra é o Avaí apesar de tantas tristezas

Bom

Com relação a esse novo momento, devo dizer que somos uma espécie em extinção infelizmente, estamos nos perdendo o manezinho de verdade infelizmente está acabando e, somos uma espécie em extinção

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA (MODELO)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



DISCIPLINA: CIN 5052 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Acadêmico: Daniel Xavier Garcia

Orientador: Prof. Msc. Eliana Maria dos Santos Bahia

Esta entrevista visa coletar dados para a análise dos aspectos relacionados à Preservação da memória cultural dos falares da Ilha de Santa Catarina.

As informações aqui coletadas servirão de subsídios para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Bibliotecário 2.0 e a Preservação da memória**: os falares açorianos da Ilha de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, vinculado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.

As identificações pessoais fornecidas não serão divulgadas, a entrevista será sigilosa, de forma a manter o anonimato, serão utilizados apenas dados relacionados com o objeto de pesquisa.

A entrevista visa basicamente à coleta de informações gerais e específicas relativas à Preservação da memória cultural dos falares da Ilha de Santa Catarina.

Desde já agradecemos a sua colaboração nesta pesquisa.

Estando ciente de que o anonimato daqueles que contribuirão com dados para a entrevista será preservado, e que a mesma não implicará em riscos à comunidade a qual represento.

Concordo em participar voluntariamente da pesquisa mencionada fornecendo todos os dados que me são permitidos.

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisador: _____

Data: ____/____/2010